

EXALTAÇÃO A BRASÍLIA

Poema em comemoração ao 37º aniversário
de Brasília, a 21 de abril de 1997.

Adirson Vasconcelos

Brasília da minha esperança,
Templo da união nacional,
Construtora de um novo tempo!
És cidade do sol nascente,
Capital do novel milênio!
Minha terra, meu céu, meu mar!

Tua silhueta é uma cruz,
Onde cabem raças e credos.
Teus dias são de sol e luz
E as noites frescas e de estrelas.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Um homem síntese criaste,
Fruto do racial encontro
De cores e costumes pátrios,
De um forte Brasil, alicerce.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

E da Colônia à República
Foste sonho e ideal de tantos.
Juscelino te fez real
Pelas mãos pioneiras, candangas.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

De Tiradentes foste ideal
E de Dom Bosco, predição;
Tens Teatro e Memorial,
Bandeira, UnB e Catedral.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

O novo homem a renascer
No ecumenismo universal
A todos aproxima e une
Em família nova e ideal.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Em uma alvorada de luz,
Nascestes para o Brasil,
Integrando-o de norte a sul
Pelos rios, estradas e ares.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Dos Três Poderes, tens a Praça,
Mais a Ermida e bela Esplanada,
As Quadras, Eixos, Avenidas
E também Águas Emendadas.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Da grande síntese desponta
Uma luminosa alvorada;
Povo confiante na paz
E Deus a reinar nas almas.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Brasileiros de toda parte
Vieram em ti congregar,
Um rico símbolo gerando
Da integração nacional.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Teus panoramas deslumbrantes
De chão, de luz e de horizontes,
Espaços, rios e jardins...
Lembras família, pátria, Deus.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Construtora de um novo tempo,
Do histórico à evolução;
Força misteriosa de fé,
De amor, energia e consciência.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Lúcio Costa te deu asas,
Niemeyer, os teus palácios,
Israel te deu forma e força,
- Juscelino, sopro vital.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

A vida que ofertas a todos,
Assim no Plano e nas Satélites,
De ânimo à ação, ao trabalho,
Devaneio, paz, bem-estar.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Fruto do esforço brasileiro,
Dos novos tempos, edifício,
Fonte de civilização,
Aurora de um novo Brasil.
Brasília da minha esperança,
Minha terra, meu céu, meu mar!

Adirson Vasconcelos é historiador
de Brasília e autor de mais de vinte livros.

De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de
um candango

■ A história
das HQs

Valorização dos escritores de Brasília

O cenário cultural de um país em desenvolvimento, como o nosso, é muito adverso para quem deseja fazer cultura e dedicar-se às artes em geral. Pesquisas realizadas recentemente demonstram que publicações voltadas para a área cultural não sobrevivem além do quinto exemplar, por falta de apoio de toda ordem. Essa regra não se aplica a **DF Letras**. Estamos muito além.

Ultrapassamos com folga as barreiras verificadas naquelas pesquisas, devido sobretudo ao apoio dos senhores deputados distritais. A Vice-Presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal, responsável por **DF Letras**, considera indispensável reafirmar o seu apoio à revista, reforçando-a com a efetiva participação dos nossos escritores e demais produtores culturais da nossa cidade. Procuraremos traçar diretrizes e analisar as colaborações por meio de um Conselho Editorial, recém-criado, com assento garantido a todas as instituições culturais que atuam no Distrito Federal.

Por um dever de justiça, faz-se necessário mencionar que foi na brilhante gestão do Deputado José Edmar, como Vice-Presidente da Casa, no biênio 1995-1996, que a Revista **DF Letras** foi reativada e se firmou no conceito de seus leitores.

Os leitores de **DF Letras** - que são muitos, espalhados pelo País afora e até no exterior - terão um veículo dedicado preferencialmente à produção literária, sem perder de vista as manifestações culturais de um modo geral.

Como cidadão que ama Brasília e todas as formas de expressão culturais, ao longo dos anos tenho procurado contribuir para estimular esse setor, não apenas pelo engajamento pessoal e político nessa causa, mas também por meio de medidas práticas como a instituição do "Prêmio Luiz Estevão de Cultura", já no seu quinto ano, cumprindo o dever de valorizar os artistas, os poetas e os escritores que tanto dignificam a nossa terra.

A nova fase de **DF Letras** é uma contribuição da Câmara Legislativa do Distrito Federal para estimular, cada vez mais, o desenvolvimento cultural de Brasília, assegurando espaço àqueles que pensam e escrevem, valorizando a vida literária da Capital brasileira.

Deputado LUIZ ESTEVÃO

Vice-Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal

O poeta e romancista Cassiano Nunes recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília, concedido pela Câmara Legislativa do DF. A solenidade realizada no último dia 6 de maio, no auditório do Sindicato dos Bancários, contou com as presenças da presidente da Câmara Legislativa, deputada Lucia Carvalho, do autor do requerimento, deputado Geraldo Magela, e de outras personalidades do meio artístico e literário.

FÓRUM



O Fórum Brasília de Literatura iniciou suas atividades de 1997 no Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF). Na primeira reunião compareceu um grande número de escritores e intelectuais comprometidos com as artes e a literatura. Na foto, em pé, o orador é o ex-ministro do TCU e ex-presidente do IHGDF, Guido Gondim, tendo ao seu lado o crítico literário João Carlos Taveira, o escritor e coordenador do Fórum, Newton Rossi, o coordenador de Editoração e Produção Gráfica da CLDF, jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva, e o presidente da Câmara do Livro do Brasil Central, Victor Alegria.

Trovadores

Taguatinga, cidade próxima à Brasília, será a sede do III Encontro Nacional de Trovadores, entre os dias 22 e 25 de maio deste ano. O Evento reunirá trovadores de todo o país no auditório da Universidade Católica de Brasília, tendo como homenagem especial o "Sesquicentenário de Castro Alves". Na coordenação do evento está a trovadora Margarida Drumond de Assis. Telefone para maiores informações: (061) 352-7022.

Eis a programação do Encontro: "O Neotrovismo no Brasil", Clério Borges, presidente da FEBET (Vitória); "A importância dos encontros de trovadores", Margarida Drumond de Assis, diretora cultural da FEBET (Brasília); "Os caminhos da trova", Newton Rossi (Brasília); "A linguagem figurada na poesia e na trova", Francisco Filipak (Curitiba); "A trova e a poesia tradicional", Henryk Siewierski (Brasília); "O mote, cordel, hai kai, trova", Maurício F. Leonardo (Ibiporã); "Movimento Minha Cidade", Diniz Felix dos Santos; "A poesia erudita e a poesia popular", Danilo Lôbo (Brasília) e "Saudação em trovas", Agostinho Neto (Fortaleza).

Imortal

Indicado por mais de uma dezena de entidades culturais brasilienses, o escritor Adirson Vasconcelos é candidato à Academia Brasileira de Letras. Esta é a primeira vez que um representante de Brasília concorre a uma cadeira na Casa de Machado de Assis. É candidato à Cadeira nº 15, na vaga de Dom Marcos Barbosa.

O Manifesto de Brasília, indicando e apoiando sua candidatura, diz que

"Adirson Vasconcelos é autor de uma vasta obra literária no campo da História, enfocando a tradição quase bissecular do movimento em prol da interiorização da capital do Brasil, o processo da epopéia da construção da cidade, sua consolidação como urbe e como civitas, bem como as perspectivas futurológicas que ela oferece. Dos seus mais de vinte livros, cinco já foram reconhecidos como didáticos".

O presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, coronel Afonso Heliodoro, tem feito um belíssimo trabalho à frente daquela entidade. Heliodoro, que fez aniversário no dia 19 de abril, tem recebido de seus amigos e colaboradores todo o incentivo necessário para que o Instituto continue a ser um centro de referência na cultura de Brasília.

Castro Alves

O sesquicentenário do poeta maior da Bahia e do Brasil, Castro Alves, foi comemorado em Brasília, no último dia 13 de maio, no Teatro da Praça, em Taguatinga, em parceria realizada pela Academia Taguatinguense de Letras, o Governo do Distrito Federal e a Associação dos Servidores da Fundação Educacional (ASEFE). O recital de poesias de Castro Alves foi uma homenagem à participação do poeta no movimento em prol da libertação dos escravos e aos 150 anos de nascimento do poeta da abolição da escravatura.

Bolsa Literária

Os escritores do DF já podem contar com o apoio da Lei nº 1.391/97, de autoria dos deputados distritais Geraldo Magela e Lúcia Carvalho, que instituiu a Bolsa Brasília de Produção Literária. Sancionada pelo governador Cristovam Buarque no dia 4/3/97, a lei prevê a publicação, pelo Poder Executivo, de seis obras literárias anualmente.

A premiação envolve as mais diversas formas literárias, que serão escolhidas através de concurso público, por júri indicado por várias entidades representativas do meio cultural. Só poderão concorrer obras inéditas, e parte da produção será destinada às bibliotecas públicas e escolas do DF.



CONSELHO

A Mesa Diretora da Câmara Legislativa do DF ampliou de cinco para onze o número de membros do Conselho Editorial do DF Letras. O Conselho ficou assim designado: Representante da Vice-Presidência; da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica; do Sindicato dos Escritores; da Associação Nacional dos Escritores; da Academia Brasileira de Letras; do Instituto Histórico e Geográfico do DF; da Academia Taguatinguense de Letras; da Academia de Letras de Brasília; da Academia de Letras do DF; da Academia de Letras e Música do Brasil; e da Academia de Letras do Brasil.

A presidência do Conselho Editorial do DF Letras será exercida pelo representante da Vice-Presidência da CLDF, e a Secretaria-Geral ficará a cargo do representante da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica.

As Plantinhas do Jardim de Cícolândia



HERMES FALCÃO JR.

Vocês conhecem o escritor José Hermes Peixoto Falcão Jr.? Não? Ele só tem 13 anos, mas já é autor de nada menos que 14 livros. José Hermes é cearense e mora atualmente em Belém, onde acabou de lançar mais uma obra. Trata-se do livro "As Plantinhas do Jardim de Cícolândia", uma história encantadora, numa cidade imaginária, com jardim mágico e personagens marcantes. O autor aprendeu a ler e escrever muito cedo e aos cinco anos escreveu seu primeiro livro. As ilustrações ficaram a cargo de sua irmã, Ana Priscila, que tem apenas 10 anos.

Brasília sediará no período de 10 a 15 de maio o II Encontro de Música Eletroacústica, que terá como tema geral Construção sonora e construção musical: o micro e o macro.

O Encontro reunirá pela primeira vez no Brasil vários dos mais destacados músicos pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam às diversas linhas de pesquisas e correntes estéticas no domínio da música eletroacústica. O coordenador do Encontro é o músico e maestro brasileiro, Jorge Antunes. A promoção é da Universidade de Brasília (UnB), Secretaria de Cultura e Esportes do DF, Governo do Distrito Federal, CAPES e CNPq. Informações serão obtidas pelos fones: (061) 348-2337 e 348-2338 ou fax 368-1797.

Biografia

O escritor Antônio Pimentel lançou, no final de fevereiro, no plenário da Câmara Municipal de Luziânia, Entorno do DF, mais um livro de sua autoria. Nesta obra o autor faz um relato do período em que viveu sob o regime militar de 1964. Pimentel é membro da Academia de Letras e Artes do Planalto e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

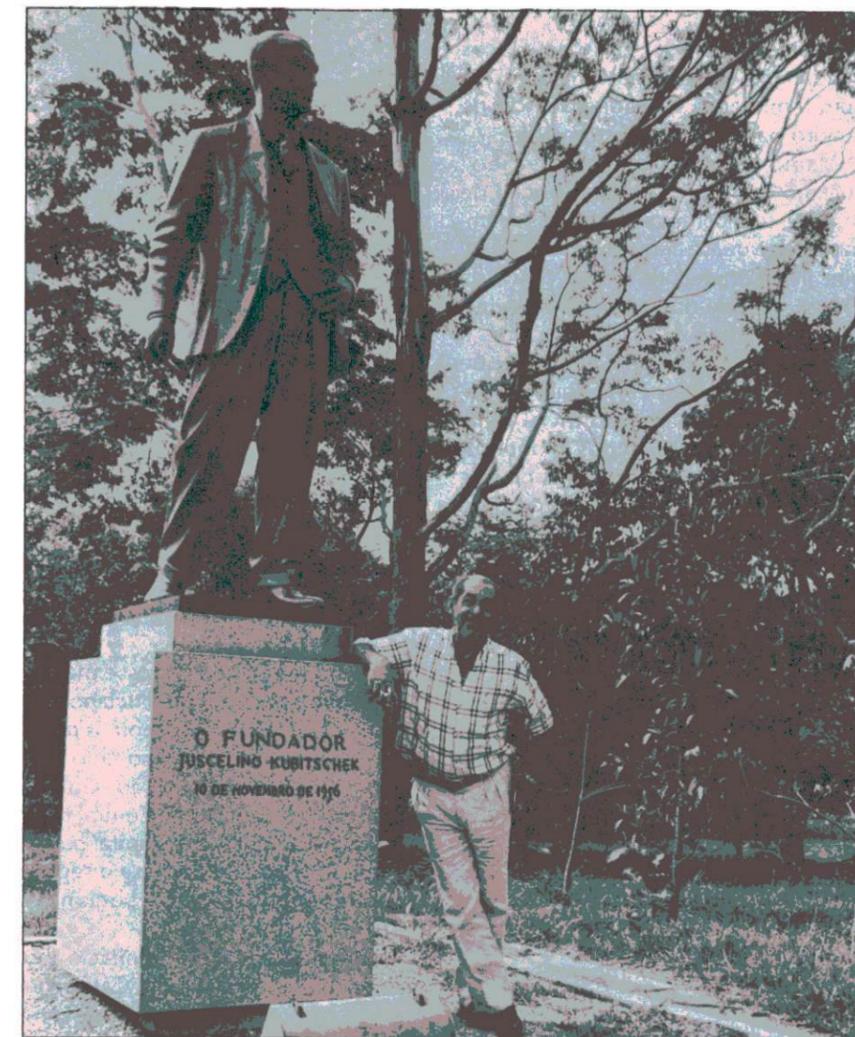


Mostra de Dança

Será realizada entre os dias 17 e 22 de junho de 1997 a V Mostra Nacional de Dança de Florianópolis, promoção da Prefeitura Municipal e da Fundação Franklin Cascaes. A Mostra pretende promover, valorizar e estimular a dança, visando assegurar-lhe um caráter didático-pedagógi-

co por meio de seminários, palestras com pesquisadores e produtores culturais da área e incentivar os novos calouros na criação coreográfica. As informações sobre inscrição, pré-seleção, classificação poderão ser obtidas pelos telefones: (048) 223-2517 e 222-4337 ou pelo fax 224-6498.

Brasília completa 37 anos neste ano de 1997. Para homenagearmos a cidade, estamos publicando neste número duas matérias distintas: uma com um candango de primeiríssima hora, "Seo" Luciano Pereira, administrador do Catetinho, e outra com o jornalista e escritor Luis Adolfo Pinheiro.



"SEO" LUCIANO

Um contador de histórias

□ Chico Nóbrega

Luciano Pereira, 73 anos, casado, 10 filhos, sendo cinco nascidos e criados em Brasília. Mora na capital federal há 42 anos. É o primeiro funcionário público do Distrito Federal. Candango por opção e Cidadão Honorário de Brasília por outorga da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Uma testemunha viva da epopéia da construção de Brasília e do vigor e disposição de Juscelino Kubitschek para

erguer a Nova Capital no cerrado do Planalto Central, do qual se diz fã incondicional.

"Seo" Luciano, como é mais conhecido em Brasília, é um grande contador de "causos" da época da construção da cidade e, nesta entrevista exclusiva ao DF Letras, ele vai falando de tudo que viveu, viu e ouviu junto aos pioneiros tais como Bernardo Sayão, Altamiro de Moura, Jorge Moscoso,

tenente-coronel João Milton Prates, próprio JK e de tantos outros candangos entusiasmados como ele com a mudança da capital do Rio de Janeiro para os cerrados de Goiás.

Vamos lembrar com "Seo" Luciano as histórias da construção de Brasília, tais como a da onça recém-parida que quase comeu vivo um peão, que ficou conhecido como "Tião da Onça", apelido dado pelo próprio Juscelino. De uma certa D. Germita, a primeira cozinheira do Catetinho, que ao que parece despertava outros desejos de iguarias, além do trivial variado, nas imaginações dos pioneiros, inclusive JK, naqueles tempos de solidão e carências impostas pela construção de Brasília. Mas deixemos o "Seo" Luciano contar-nos todos esses "causos".

"CAUSO"

A Primeira Comissão

Nascido na cidade goiana de Luziânia, Luciano Pereira era guarda-campo da Força Aérea Brasileira (FAB), no pequeno aeroporto municipal. Foi neste local, no dia 20 de junho de 1956, que ele recebeu a primeira comissão a chegar ao Planalto Central, enviada por Juscelino Kubitschek, com a missão de dar início à construção de Brasília e providenciar as primeiras desapropriações de terras no Distrito Federal. Faziam parte desta comissão Altamiro de Moura, o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, o topógrafo Jorge Moscoso, entre outros engenheiros. O então tenente-coronel João Milton Prates, piloto de JK e diretor da extinta Pan Air do Brasil, também fazia parte da comissão.

O fato do pai de "Seo" Luciano, Vicente Pereira, ser um exímio conhecedor destas regiões do Planalto Central, uma vez que ele era funcionário da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos (ECT), percorrendo tudo em lombo de burro, e Luciano o acompanhava nestas andanças, fez com que ele logo se integrasse à primeira comissão.

Luciano, muito falador e desinibido, logo contagiou todos e passou a ser o guia da comissão. O povo não credi-



Os amigos de JK conseguiram juntar 500 contos de réis e em 10 dias construíram o Catetinho. Mais de 70 homens participaram da empreitada dia e noite

tava muito que Juscelino fosse mesmo construir a Nova Capital e Luciano também. Certa ocasião ele levou os membros da comissão ao marco colocado em Planaltina pela Comissão Cruis, a primeira a vir ao Planalto Central fazer estudos para transferir a capital para o interior. Em Planaltina deu-se o seguinte diálogo entre "Seo" Luciano e Bernardo Sayão.

Luciano - "Dr., o José Bonifácio e os presidentes Getúlio, Dutra, Café Filho, mesmo querendo não conseguiram trazer a capital para o Goiás. Será que agora é pra valer?"

B. Sayão - "Agora é diferente, Luciano. O Presidente se chama Juscelino Kubitschek".

"Seo" Luciano passou a ser um fervoroso defensor da mudança da Nova Capital, e o resto a história se encarregou de confirmar.

"CAUSO"

Os Gêmeos e o Padre Roque

Os primeiros gêmeos nascidos na época da construção de Brasília eram filhos de "Seo" Luciano. Eles nasceram lá mesmo no Catetinho e Juscelino quis ser o padrinho das crianças. Nesta época o Padre Roque era o vigário da primeira igreja católica construída em

Brasília, no Núcleo Bandeirante, um grande acampamento de peões e comércio naqueles tempos idos. O dia do batizado foi marcado, lá no Catetinho. Deu a hora, e nada do Padre Roque chegar. JK perdeu a paciência e foi com Luciano ao Núcleo falar com o Padre.

JK - "Padre Roque, está todo mundo esperando pelo senhor para batizar as crianças lá no Catetinho, vamos embora que já estamos atrasados".

P. Roque - "Presidente, daqui eu não saio. Só batizo as crianças se elas forem trazidas até aqui, na igreja. No Catetinho eu não batizo. Só na igreja."

JK - "Olha, P. Roque, deixe de bobagem. Quem é o Presidente da República?"

P. Roque - "É o senhor."

JK - "Então, padre, quem manda sou eu ou você?"

P. Roque - "É o senhor."

JK - "Então pegue logo o seu missal, a água benta e vamos batizar as crianças no Catetinho."

O batizado transcorreu sem incidentes no Catetinho em meio a uma boa pinguinha de Minas e uns torresminhos.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Vice-Presidência:

Luiz Estevão

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica:

Cláudio Humberto R. e Silva

Editoria DF Letras:

Chico Nobrega

Projeto Gráfico:

Claudio Gardin

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Capa:

Ana Caçador

Fotografia:

Silvio Abdon

Carlos Gandra, Fábio Rivas, Luiz

Alberto e Arquivo Público

Revisão:

Vania Maria Codeço Velloso e

Anamaria Silva Pinheiro

Ilustração:

Ana Caçador, Margarete de Cássia

e Claudio Gardin

Digitação:

Gilberto Lucas

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica:

Marcia Machado e Oscar

Monterrojas

Chefia da Seção de Editoração:

Ivan Carvalho

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Apolo

Guandalini, Cláudio de Deus, Dino

Souza, Hélio Araújo, José C. de

Sousa, Nelci Stein e Nilza Márcia

Gerin

Chefia da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Aedeilton Godoy,

Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de

Macedo, Celso Santana, Denilson

Caldas, Edson de Lima, Glacy

Barrozo, Jonas Martins, José

Gomes, José Bergamaschi, José de

Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz

Fidyk, Raimundo Nonato T.

Carvalho, Reinaldo Andrade,

Rogério Muniz, Vicente Lima e

Wilton Pimentel

Tiragem:

5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses

de set./out./nov./dez.,

números 31, 32, 33 e 34

Os autores das matenas publicadas

não recebem qualquer valor

pecuniário e é de sua inteira

responsabilidade o conteúdo das

mesmas

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do

Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

Moderníssimo

Notoriamente a "Revista DF Letras" é um marco da cultura do DF, com o denominativo do asseguramento mantenedor, do nosso regime democrático neste setentrional brasileiro.

Como jornalista pioneiro na capital da República ao lado de diversos companheiros que passaram e ainda estão neste egrégio Poder Legislativo como Rosymere Miranda, César Lacerda, Salviano Guimarães, e outros, congratulo-me com toda esta equipe denodada que conseguiu manter viva a característica do verdadeiro valor da imprensa em nossa amada Brasília.

Este último número da revista DF Letras nos traz novidades e a conotação do modernismo numa publicação oficial.

J.Souza

Formosa - GO

Prestígio

Sou professor e pesquisador. Gostaria de poder receber esta prestigiada publicação "DF Letras" da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Antecipadamente grato despeço-me,

Prof. Wiliam José Carita

Limeira - SP

Cultura

Sou José Ángel Nistal Rodriguez e estou representando a Associação de Pais e Mestres do Colégio Santo Agostinho ante o Sr. A.A.P.M. do Colégio está investindo na cultura e saber dos nossos alunos e para conseguir isto

Braille

O Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha é uma instituição filantrópica que, desde 1944, assume a educação dos portadores de deficiência visual da Pré-escola à 4ª série do 1º Grau e o 2º Grau. No Estado e nos Municípios não há nenhuma escola para o portador de deficiência visual.

Soubemos, através da reportagem, que essa Câmara irá imprimir a revista DF Letras para deficientes visuais e uma versão da fita K-7 da mesma revista.

Gostaríamos de ser incluídos como instituição que receberá o material ora divulgado, pois atenderemos 60 deficientes de todo o Estado.

Certos de contarmos com o apoio de V. Sa., antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente,

Maria do Socorro Quintanas Coutinho, presidente.

João Pessoa - PB

estamos criando um Centro de Documentação e Cultura. Estou entrando em contato com o Sr. devido ao conhecimento da sua prestigiosa revista "DF Letras". Segundo um amigo do Colégio, vocês

enviam a revista gratuitamente para todo aquele que o solicitar. Gostaríamos que o Sr. nos enviasse algum número para podermos conhecê-la.

Desde já nosso muito obrigado.

Atenciosamente

José A. N. Rodriguez

S. Paulo - SP

Luz

Há poucos dias, já que estive fora de Brasília por uns tempos, tomei conhecimento da existência do DF Letras através do escritor Cassiano Nunes e gostaria, a partir de agora, de ser incluído na sua lista de assinantes. A existência de uma publicação desse quilate é uma luz no final do túnel para os escritores, poetas e artistas desta cidade que não

encontram eco na imprensa local para divulgar e fazer conhecidas suas obras. Espero que não haja esmorecimento da parte de quem faz o DF Letras.

Ao mesmo tempo, gostaria de receber, caso seja possível, os números atrasados que vocês tiverem de reserva para conhecer melhor o que se anda produzindo na capital do país.

Quero também saber como fazer para publicar escritos meus no DF Letras.

Atenciosamente,
Eurico de Andrade
Brasília-DF

DF Letras

Solicito uma assinatura gratuita da importante revista "DF Letras", órgão orientado e dirigido por V. Sa.

Antecipo-lhe sinceros agradecimentos.

Antônio Gonçalves da Costa Neto

Gurupi - TO

Da Construção de uma Poética

□ João Carlos Taveira

“Mulher consciente de seu papel na sociedade atual, Gracia Cantanhede vai tecendo seus poemas, suas tramas, com liberdade e despojamento, às vezes atrevidamente. A temática de seu livro, não raro, açambarca flashes do cotidiano com a mesma desenvoltura e elegância com que veleja pelas águas do passado.”

A leitura de *Jogo de Persona*, de Gracia Cantanhede, nos remete imediatamente àquela reflexão cristalina com que Vladimir Nabokov abre seu livro *Fala, Memória*: “O berço oscila num abismo, e o senso comum nos diz que nossa existência não é senão uma fresta de luz entre duas eternidades de escuridão”.

Jogo de Persona é um livro de poesia, mas é também um livro de memórias: suas personagens ressurgem da lembrança da mulher-menina para, metonimicamente, povoar as fantasias da mulher adulta, num contraponto sutil entre o lembrado e o simplesmente ima-

ginado. E é com essa força criativa que a autora de *Palavra de Mulher* (Thesaurus, 1994) se desvincula do real para construir seu universo, sua poiesis.

Mulher consciente de seu papel na sociedade atual, Gracia Cantanhede vai tecendo seus poemas, suas tramas, com liberdade e despojamento, às vezes atrevidamente. A temática de seu livro, não raro, açambarca *flashes* do cotidiano com a mesma desenvoltura e elegância com que veleja pelas águas do passado, reconstituindo aqui e ali pedaços e até paisagens inteiras de sua infância vivida em Minas Gerais.

E o que é poesia, senão um jogo de palavras em que o eu lírico se desnuda em contínuo mascaramento das intenções? Senão um contínuo fingimento do ser diante do não-ser? Resta apenas a forma de como fazê-lo, se artisticamente ou não. Mas não é esta a questão. Gracia Cantanhede, embora pouco dada aos malabarismos formais exigidos por certas correntes, consegue alcançar, com seus versos livres, a devida transcendência do poético.

Resultado de observações e anotações colecionadas ao longo de uma vida inteira, este livro é constituído, também, de aforismos, pensamentos e - como dizê-lo? - de alguns haicais, que perpassam o social, o político e o humano. Mas é, antes de tudo, um livro feminino, cuja estrutura e cujo conteúdo aproximam o erótico e o sensual da mulher moderna, trabalhadora e participativa, aos prazeres mais simples do seu dia-a-dia, como cozinhar, fazer doces e cuidar dos filhos.

Jogo de Persona, vale repeti-lo, é um livro de poemas compilados da experiência e da observação desta mulher que, artisticamente, intenta contra a mesmice de um mundo mecanizado, desumano, e vai construindo suas alegrias e reconstruindo seu tempo, consciente de que a vida é realmente uma fresta de luz na escuridão.



DF LETRAS

32

"CAUSO" III

A Chegada de JK

Exatamente no dia dois de outubro de 1956, às 11 horas e 40 minutos, Juscelino Kubitschek e sua comitiva chegaram em um avião DC-3, no campo de pouso da Vera Cruz, onde foi celebrada a primeira missa em Brasília, local hoje conhecido como Cruzeiro, junto ao Memorial JK. Presentes o General Lott, ministro da Guerra, deputado Renato Azeredo, amigo de JK, entre outras tantas autoridades.

De lá a comitiva, com JK à frente, seguiu para a fazenda Gama, local onde seria erguida mais tarde a primeira construção de Brasília, o Catetinho. Na sede da fazenda, o dono das terras, Sr. Geraldo, serviu ao Presidente um café feito pela mulher do vaqueiro Tal, D. Zenaide, que hoje mora em Taguatinga.

JK tomou o café em uma caneca e ficou como que sonhando, olhando o fazendeiro jogar milho no terreiro da casa para os porcos e galinhas, a imaginar a grande cidade que iria surgir naquelas terras. O fazendeiro quase que adivinhando os pensamentos de Juscelino disse: "Presidente, só um louco como Vossa Excelência é que irá fazer mesmo esta cidade". Mais tarde,

Luciano Pereira é o guardião e a memória viva do Catetinho, a primeira obra construída no DF para hospedar Juscelino, em 1956

Juscelino foi conhecer as quatro nascentes de água que existiam nas proximidades. Chegando lá, JK tomou um gole da água cristalina com as próprias mãos, proferiu uma oração, relembrou o sonho de D. Bosco e fez a promessa de concluir o mais rápido possível a Nova Capital. Junto a Juscelino estava Lott, que em tom de brincadeira falou: "Presidente, no primeiro dia em que Vossa Excelência chega a Brasília já começa fazendo promessas."

Juscelino não foi ríspido, mas falou sério para o seu ministro da Guerra: "Ministro, anote no seu caderninho. Eu vou construir Brasília e passar a faixa presidencial ao meu sucessor no Palácio do Planalto."

Lott, meio sem graça, disse que estava só brincando. A promessa feita a D. Bosco concretizou-se e Jânio Quadros recebeu a faixa de JK em Brasília, no Palácio do Planalto.

"CAUSO" IV

A Construção do Catetinho

A primeira obra de Brasília foi o Catetinho, uma construção toda em madeira, projeto de Oscar Niemeyer, feito em 10 dias, por 500 contos de réis, reunindo cerca de 80 peões para sua conclusão. A idéia da construção partiu de alguns amigos de Juscelino, entre eles, João Milton Prates, César Prates, Juca Chaves, Vivaldo Liro, Dilermando Reis, Agostinho

Montandon e Osório Reis. O nome Catetinho surgiu parodiando a denominação do Palácio do Catete, onde Juscelino Kubitschek despachava no Rio de Janeiro. Foi uma surpresa para JK a construção do Catetinho. Ele não sabia. A obra foi feita com o dinheiro arrecadado entre seus amigos.

Juscelino sempre que podia falava do seu grande carinho e amor pelo Catetinho. Foi lá que ele assinou os primeiros decretos na Nova Capital. JK ficou no Catetinho até o dia 20 de junho de 1958, quando passou a se hospedar no Palácio da Alvorada, a residência oficial do Presidente da República. Em certa ocasião, em uma de suas passagens por Brasília, Juscelino falou para D. Sarah Kubitschek, sua esposa: "Sarah, vamos passar pelo Catetinho. Eu tenho o maior amor por ele, mais que o Alvorada, que tem leiteiro e placa de ouro". Dona Sarah concordou com ele. Logo ao chegar ao Catetinho, Juscelino desceu e foi beber água das nascentes, aquelas do primeiro dia em que esteve na fazenda Gama.

O Catetinho hospedava de 30 a 40 pessoas nos primeiros tempos. A maioria engenheiros da NOVACAP. Juscelino ficava junto com eles quando vinha à Brasília. O Catetinho hospedou também o presidente de Portugal, Craveiro Lopes, em 1958. JK já não mais usava o Catetinho, que recebeu ainda visitantes ilustres, tais como a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, em 1958, o Príncipe Imperador do Japão, no mesmo ano, e até o líder revolucionário e eterno presidente de Cuba, Fidel Castro.



"CAUSO" V

A Onça e o Eletricista

Juscelino reuniu vários candangos e amigos no Catetinho, em fevereiro de 1957, e fez ali o primeiro discurso sobre a grande obra que realizava. Compraram para a ocasião uma lona de circo novinha em folha. Reunida toda a peãozada, no meio do discurso ouviu-se um esturro de onça nas proximidades.

Minutos depois, a onça recém-parida, com dois filhotes, saltou sobre a lona e só não comeu um peão, eletricista, porque a lona era nova, agüentou o ataque do felino e não rasgou-se. Naquela época, havia muitos animais do cerrado rondando as matas do Catetinho. Era comum avistarem-se lobos, onças, emas, seriemas, antas e muitas cobras.

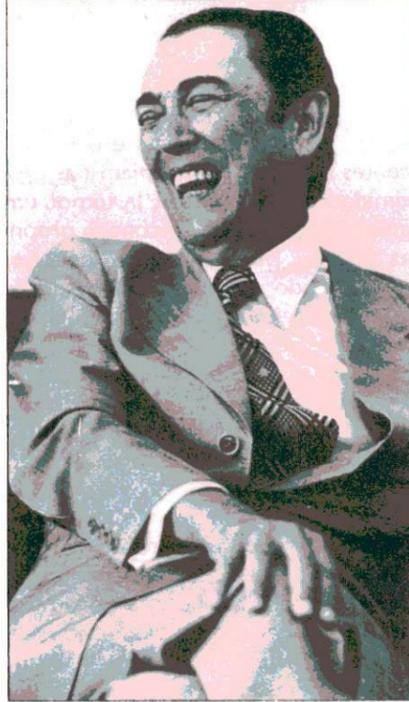
Sabedor do caso, JK quis conhecer o eletricista, que chamava-se Sebastião, ou melhor, Tião. Na mesma hora Juscelino apelidou o eletricista de "Tião da Onça", e assim ele ficou conhecido até morrer recentemente, aqui mesmo no DF. De morte natural, é claro!

"CAUSO" VI

Uma Senhora Cozinheira

Desde o dia 2 de outubro de 1956, com a primeira visita de Juscelino, a comissão de construção da cidade começou a preocupar-se com o bem-estar do Presidente. Construíram o Catetinho e no dia 10 de novembro, data da assinatura do primeiro decreto assinado por Juscelino, já haviam instalado uma cozinheira lá. Neste dia D. Sulamita (nome fictício, pois a pessoa ainda é viva e mora no DF), preparou uma refeição trivial, ao gosto de JK. Frango caipira, angu, quiabo, tutu e pernil de porco assado.

Os predicados da cozinheira extrapolavam as suas qualidades e habilidades no manejo dos quitutes. A mulher era da própria região e caçada com um tal de Geraldo. Era uma mo-rena muito bonita e vistosa. Dois me-



Juscelino Kubitschek era aficionado por serestas e um grande pé-de-valsa

ses após iniciar as atividades como cozinheira, no Catetinho, Sulamita separou-se do marido.

Luciano relembra que Juscelino era um grande galanteador, gostava de seresta e era um bom pé-de-valsa.

"CAUSO" VII

O Primeiro Acidente Aéreo

Neste caso "Seo" Luciano escapou por pouco da morte. Em 1957, junto ao Catetinho, tinha uma pista de pouso para aviões pequenos que era utilizada regularmente por JK. Os aviões maiores tinham como opção os aeroportos de Luziânia, Anápolis ou Goiânia.

Um dos pilotos de Juscelino, de nome Alzirinho, comprou um pequeno avião para fazer transporte de passageiros na região. Um certo dia Alzirinho e Agostinho Montandon tinham que levar dois passageiros a Formosa, cidade goiana próxima de Brasília, e convidaram Luciano Pereira para ir também. Como era um sábado e pouca coisa acontecia naqueles confins, no Catetinho, Luciano achou que era uma boa idéia. E lá se foi a bordo do pequeno teco-teco.

Em Formosa foi aquela farrá. Toma uma pinguinha aqui, uma cerveja aco-

lá, e o tempo foi passando e já era hora de retornar à pista do Catetinho. Na volta, uma chuva forte, com muito vento, pegou o avião. Entretanto, o piloto Alzirinho, muito confiante, não se importava com a situação. Deu vários rasantes sobre a então iniciante Vila Planalto, local onde moravam os candangos que construíam a Esplanada, o Congresso e os Palácios da Alvorada e Planalto, entre outras obras de vulto.

Luciano tremia de medo e reclamava com os companheiros. Ao chegar à pista do Catetinho, o avião deu uma pane e caiu de bico, incendiando-se em seguida. "Seo" Luciano foi salvo por milagre, quando foi jogado para fora do avião no momento da queda. Os dois outros passageiros, Alzirinho e Montandon, morreram queimados. Luciano teve algumas queimaduras que foram curadas à base de clara de ovo, receita de uma cozinheira do Catetinho.

"CAUSO" VIII

A Casa Velha do Gama

Próximo ao Catetinho ficava a sede da antiga fazenda Gama. Hoje esta casa ainda existe dentro dos limites do Brasília Country Club, junto ao balão que dá acesso à cidade-satélite do Gama. Para Luciano Pereira, a casa velha, como era chamada naquela época, deveria ter sido tombada como patrimônio histórico e cultural de Brasília. Foi lá que aconteceram grandes momentos históricos.

Foi na casa velha que Juscelino tomou café a primeira vez que esteve no DF. A primeira comissão liderada por Bernardo Sayão também ficou hospedada lá. Os engenheiros da Fertiza, de Araxá(MG), liderados por Roberto Penna, ficaram lá, como também o pessoal da empresa DFCC, de Juca Chaves, que construiu o Catetinho.

A casa velha também abrigou a primeira estação de radiotelegrafia da Pan Air, que tinha como telegrafista o "Zé da Pan Air". A segunda estação de rádio amador foi instalada pela NOVACAP, no mesmo local. Ainda há tempo para reparar este esquecimento. Tombemos a casa velha.

Luiz Estevão anuncia mudanças na DF Letras

A revista DF Letras, editada pela vice-presidência da Câmara Legislativa, retomará o seu objetivo original: a divulgação da produção literária de Brasília. Esta foi a notícia que o vice-presidente da Câmara, deputado Luiz Estevão (PMDB), deu à classe literária na reabertura do Fórum Brasília, realizado no último dia dois na sede do Instituto Histórico e Geográfico do DF.

Luiz Estevão foi o convidado especial da cerimônia, que teve a coordenação do escritor Newton Rossi, chefe de gabinete da vice-presidência da Câmara, e contou com a presença de cerca de 100 intelectuais. Num discurso tocante, em que recordou a sua paixão desde os tempos de infância pelos livros - "li mais de vinte vezes a obra de Monteiro Lobato" -, o deputado foi aplaudido com entusiasmo ao anunciar as mudanças editoriais na DF Letras: "A revista voltará à sua concepção

primordial, destinando-se à publicação da nossa produção literária", resumiu.

Segundo informou Luiz Estevão, a DF Letras passará a ser mensal e terá um maior número de páginas, abrindo espaços para a publicação de contos, poemas e crônicas de escritores de Brasília, bem como de boletins informativos de editoras, bibliotecas, sindicatos e associações de escritores. Cada edição terá uma grande entrevista com um escritor da cidade (acompanhada

de um retrospecto de sua obra). Serão publicadas, também com grande destaque, resenhas de livros de autores locais.

Outra importante novidade: a partir de agora, a revista só abrirá espaço para os deputados distritais que tiverem projetos e iniciativas concretas para a área de cultura. "Desta forma, estaremos incentivando todos os 24

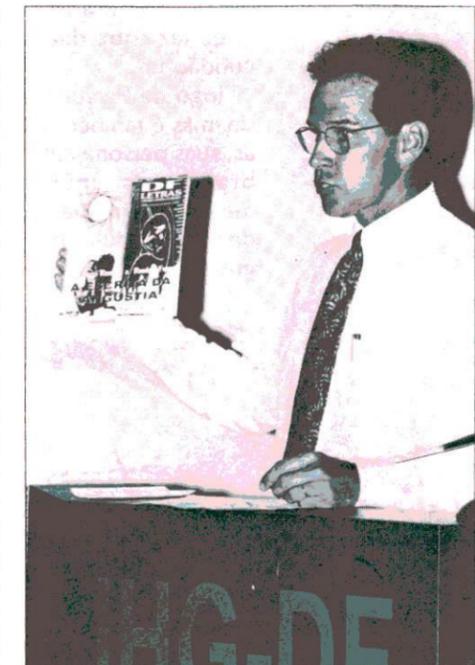
deputados a trabalharem pela cultura", disse Estevão, autor da lei que reduziu de 5% para 1% a alíquota do ISS sobre a produção de espetáculos artísticos e culturais.

Entre as personalidades presentes à reabertura do Fórum Brasília estavam os senadores Áureo Mello e Pedro Teixeira, o ministro Guido Mondim, João Carlos Taveira (vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico), Victor Alegria

(presidente da Câmara do Livro do Brasil Central), Neusa França (presidente da Academia de Letras e Música do Brasil), o poeta Cassiano Nunes, Mauro Castro (presidente da Academia de Letras do DF), o escritor Santiago Naud e a jornalista Nazareth Tunholi. Luiz Estevão estava acompanhado pelo jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva, diretor da gráfica da Câmara Legislativa e responsável pela edição da revista DF Letras.



"A partir de agora, a revista só abrirá espaço para os deputados distritais que tiverem projetos e iniciativas concretas para a área da cultura. A DF Letras voltará à sua concepção primordial, destinando-se à publicação da nossa produção literária."



Estevão propôs aos escritores viabilizar o uso da gráfica da Câmara Legislativa para editar algumas publicações de autores de Brasília

Cunha Meneses, a desordem foi maior.

O Capitão-mor Antônio Telles acusava o governador Tristão da Cunha de "ter tão publicamente e na própria casa de residência (i. é, em palácio), as suas próprias concubinas e filhos e fazê-lo com o maior escândalo e sem a mínima cautela".

Impressiona o plural "concubinas". Mais sugere Fez que Paris, diria Oliveira Martins. Afinal será que a Tristão referia-se o Capitão-mor em alguns dos outros casos que cita? "Uns coabitando com mulheres irmãs sem o menor escrúpulo, outro com as mães e depois com as filhas delas, outros com filhas de suas mesmas concubinas..."

O auge porém das dissipações que "fariam horror aos bacanaís da antiguidade"... vai contido numa carta de 1782, do vigário de Vila Boa, Pe. João Antunes de Noronha, da nobreza vilarenga, contra o governador Luís da Cunha Meneses, o famigerado Fanfarrão Minésio: ... "um governador sem religião, escandaloso público pelas deflores e concubinatos". Luís da Cunha levava para a tribuna de honra da matriz de Vila Boa "as mulheres que se vestem em corpo" (isto é, sem as pesadas mantilhas e véus de que escarneciam Cunha Mattos e Saint Hilaire), e tendo-as lá como um sultão marroquino, fazia bloquear as escadas "com uma sentinela para não subir homem algum".

Se a festividade na igreja fosse de longa duração, ia Luís da Cunha "de tribuna em tribuna, fazendo delas camarotes de casa de ópera e do sagrado templo uma assembléia lasciva, por serem assistentes as próprias defloradas e concubinas, e parentes e famílias agregadas"...

Era o freirático lisboeta que no trópico mudava-se para o serralho. Em Minas Gerais, a julgar-se pelas Cartas Chilenas, Luís da Cunha fazia o mesmo ou pior, com festins de batucada em palácio.

Em alguns desses casos devia enquadrar-se o governador Tristão da Cunha, irmão e sucessor de Luís em Goiás, pois em outra parte o Capitão-mor Telles lembra ir ele passando por um "incestuoso concubinato". Referindo-se a diversas outras pessoas gradas da Capitania não esquece "outros que,



sendo casados, trocam as mulheres, com graves escândalos e injúria dos sacramentos" e ainda de "outros que, já velhos cansados, fazem ainda timbre de ter mulher por sua conta, com o maior escândalo".

Não perdia Luís, porém, os ditames da moda versalhesca. Em Vila Rica, inventou um passeio galante, plantado com ramos de laranjeira (cujas folhas custam a cair), entremeados de lagunhos de água enlameada, como tudo vai descrito nas Cartas Chilenas. Em Vila Boa, plantou um "passeio público" no largo do chafariz, que em sua origem podia ter jardins imortalizados por Le Notre nos parques de Versailles.

Era o espírito do século XVIII que findava. Para o Pe. Noronha, vigário de Vila Boa, porém, tanto ou mais sé-

rio do que as exposições amorosas do governador, era o seu público relaxamento durante os atos litúrgicos, ... "sem aceitar com reverência a aspersão de água benta que oferece o pároco que o vem esperar à porta... Ajoelhando com um só joelho... e finalmente, cúmulo dos maus modos dos novos modos,... assentando-se de espaldar com a repousada francesia de uma perna sobre a outra"...

Nunca mais, de fato, os tempos voltariam a empertigar-se como ao tempo da velha aristocracia medieval, se é que nele houve melhores costumes, o que é dubitável.

E agora, em fins do século XVIII, vigia a "repousada francesia" em pleno sertão de Goiás, para agravo de todos nós, que sem atentarmos para o corrosivo poder das modas e dos costumes, vulgares materialistas, jamais entendemos a *première* da casa de Ópera de Vila Boa, lá pelas alturas de 1780.

Este artigo integra o livro "Notícia Geral da Capitania de Goiás", de Paulo Bertran, a ser lançado proximoamente.

Esplanada dos Mistérios

□ Luis Adolfo Pinheiro

A crônica "Esplanada dos Mistérios" foi publicada na antologia "Cronistas de Brasília", seleção e organização da escritora Aglaia Souza, com o apoio da Associação Nacional de Escritores. O trabalho reúne crônicas de 35 autores brasileiros, que, involuntariamente, vão contando um pouco da história candanga.

É como uma viagem a Roma; foi o que pensei quando ali ingressei, pela primeira vez, para conhecer o eixo da política, a vasta extensão que termina na imensa praça sem limites, que se diz inspirada na velha China, ou em contos brâmanes, ou ainda resultante apenas de sonhos, drogas alucinantes, febres, desvarios. E sempre me emociono com a estranha sensação no meu íntimo quando entro pela ampla avenida que avança em seis pistas rumo ao poder ou à eternidade, como um jato que mergulhasse no espaço e fosse desbravando, silenciosamente, nuvens e pedaços de azul em direção ao infinito. E no caminho dessa infindável avenida, espécie de Via Ápia gloriosa, pode-se imaginar o desfile de legiões romanas vitoriosas e ouvir o doloroso gemido de escravos trazidos dos quatro cantos do mundo.

Nunca me sinto, desde então, realmente cansado dessa paisagem aparentemente monótona mas que revela, a cada dia, uma nova e fértil passagem da História interminável da huma-

Foto aérea da época da construção de Brasília mostrando as obras do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e parte da Esplanada dos Ministérios

nidade, iniciada no mais fundo dos tempos e destinada à eternidade dos seres e das coisas. E experimento a emoção que vem da loucura pura, pois isso aqui não tem qualquer raiz maior, salvo no sonho. E como numa reação em cadeia, em que a imaginação é mais forte que a ciência, o sonho de um cura italiano passou de cabeça em cabeça, sempre melhor sonhado, mais aperfeiçoado. E sem eira nem beira, como convém a um sonho verdadeiro nos seus estranhos silêncios da madrugada, o sonho passou de mão em mão e cruzou o Atlântico nos livros, no sangue dos imigrantes, nos amores clandestinos, no exílio e na esperança. E aterrissou no Novo Mundo como se fosse a cápsula espacial lançada do cosmos por uma estrela distante, contando mensagens dos vizinhos do universo.

E posto que os sonhos, apesar das explicações e interpretações, na verdade não se explicam - como não se explicam as fraquezas da carne, as guerras entre os povos e a fome das piranhas -, os sonhos progrediram e desaguaram numa ruidosa empreitada que mobilizou dias e noites, meses e anos, numa condenação bíblica em que os novos escravos babilônios, hebreus, assírios, sob o comando de um faraó nativo das montanhas, traçaram uma cruz no cerrado e puseram abaixo árvores tortas e centenárias; afugentaram tatus, cobras e onças de olhar traçoeiro e garras afiadas; fizeram sangrar a terra em abundantes águas; espanaram os pássaros e tingiram de vermelho o sol do poente numa poeira alta e constante, maior do que a do deserto do Egito quando ali se arrastavam pela areia os blocos de pedra das pirâmides.

Esse horizonte vasto, vasto demais, um alto mar como já foi chamado, é um imenso deserto em que as miragens se juntam e se superpõem e pousam suavemente no chão, no colo de uma criança, na elegante aterrisagem de uma ave nativa do sertão. Uma nave espacial pousada em meio a uma região inabitada? Ou um arranha-céu de luxo e conforto mas sem alicerces, flutuando a alguns metros acima do ninho da sabiá no galho mais alto da árvore mais torta do cerrado? Uma engrenagem completa e moderna viajando em navio fantasma pelos mares interiores? Ou uma torre de Babel que, ao contrário da primeira,



A escultura "Os Dois Candangos", em homenagem aos operários que construíram Brasília, observa as duas linhas perpendiculares, narco zero do início da Nova Capital

consegue chegar ao céu mais não logra fixar-se em terra? Um disco voador assustador pousado em meio à mata virgem, cercado do silêncio e da curiosidade de silvícolas, sobrevoado por elegantes borboletas multicoloridas e barulhentas muriçocas vorazes, plantado junto a puras e inocentes corredeiras d'água e assustados lobos-guará? Ou um bombardeiro atômico estratégico, imóvel em sua base, pronto a gerenciar a nação em caso de conflito armado?

Na verdade, uma usina de poder com todos os departamentos que formam uma usina de poder: soldados de

variadas patentes e uniformes, conspirações e intrigas, Diário Oficial, protestos da oposição, crítica da imprensa, inflação e corrupção, prostituição de meninas de treze anos, demissões e nomeações, aposentadorias, cargos de confiança, suicídios, novo plano econômico, denúncias de escândalos e de ineficiência administrativa, ameaça de golpe de estado, nervos tensos, tensão e tesão, orações ao pai celestial, tortura nas prisões, reforma do Ministério, eleições, posse do novo diretor-geral e do novo superintendente, novos contratos, preterição nas nomeações e promoções de servidores, gravidez indesejada e aborto, requisição de funcionária, comissão parlamentar de inquérito, banquete no Itamaraty, promessas de paz, desenvolvimento e de justiça social.

Uma esplanada estranhamente branca, talvez por não ter cor alguma, pois o cerrado não tem cor, exceto quando a onça abate, com um golpe certo, o desprevenido veado que tenta escapar na correria e o sangue tinto jorra pelo chão; ou então quando se surpreende a flor roxa, de um roxo total e absoluto, esquecida e abandonada no mato; ou ainda quando se remove a pele dessa terra sem cor e uma terra mais viva se apresenta, ver-

des principais. Namoro "de estaca" e namoro "de estafermo". Na "estaca", o namorado postava-se, firmado num pé, contra o muro fronteiro à janela da amada, e aí, por meio dos lenços, conversava com o vulto atrás das cortinas e reposteiros. Já no "estafermo", plantava-se o galante ao meio da rua como um poste colorido e empoado e dali conversava com a namorada - sempre os lencinhos - dando cabo de uma tarde inteira ao culto dos amores vãos. O estafermo passou, é claro, a sinônimo de palerma.

Já para os fins do século das luzes, Oliveira Martins vê em Portugal um cenário que combina Fez, capital do Marrocos, com Paris de França. O francesismo português celebrava-se num teatro muçulmano, onde os pesados panos, charões, mantilhas e véus nunca cederam vez, na estética lusitana, aos etéreos cenários de Gainsborough.

E enquanto ao andar superior da Lusitânia, a rainha louca, D. Maria, rezava e gritava, no térreo outro Portugal fornicava.

No Brasil da época, sobretudo nas Minas, houve certamente quem praticasse o amor galante e cortês, mas a exuberância sexual das senzalas não devia colaborar na melhora daquilo que na própria metrópole passava por ridícula, "francesismos".

Aqui nas minas brasileiras parece-me que o francesismo galante não passou de intenção de um que outro governante ou trapalhão esnobe, enquanto o que vigia era a sexualidade direta, sem maiores pejos.

Significativa é a forma encontrada pela câmara paulista de Santana do Parnaíba para elogiar ao rei a conduta do governador Rodrigo César de Meneses. Nada melhor ocorre aos camaristas do que louvá-lo "bom cristão e muito mais inclinado a estado sacerdotal e ao sexo feminino da viúva honesta a quem respeitava as casas". Imagine-se não fora o seu apego ao "estado sacerdotal e às viúvas". E era apenas 1730, com o século verde!

Além do trópico propício e da abundância carnal, as autoridades reinóis providas para o Brasil não traziam, com raras exceções, as mulheres e as famílias.

O conde de São Miguel, governador de Goiás em 1755, casadíssimo e carinhoso pela "condeça", a que sempre se referia em suas cartas de péssima lavratura "moura" e para quem levou raras jóias ao partir de Goiás em 1759 - até mesmo o S. Miguel - saía às turras com o ouvidor da comarca "por ciúmes de alguma moça", talvez a filha do clã dos Aguirre que "suposto que com a solteira tivesse o conde de S. Miguel algum assunto direto, é esta qualidade de culpa para o confessorário, quanto não há com público es-

cândalo e prejuízo do Real Serviço ou de terceiros"...

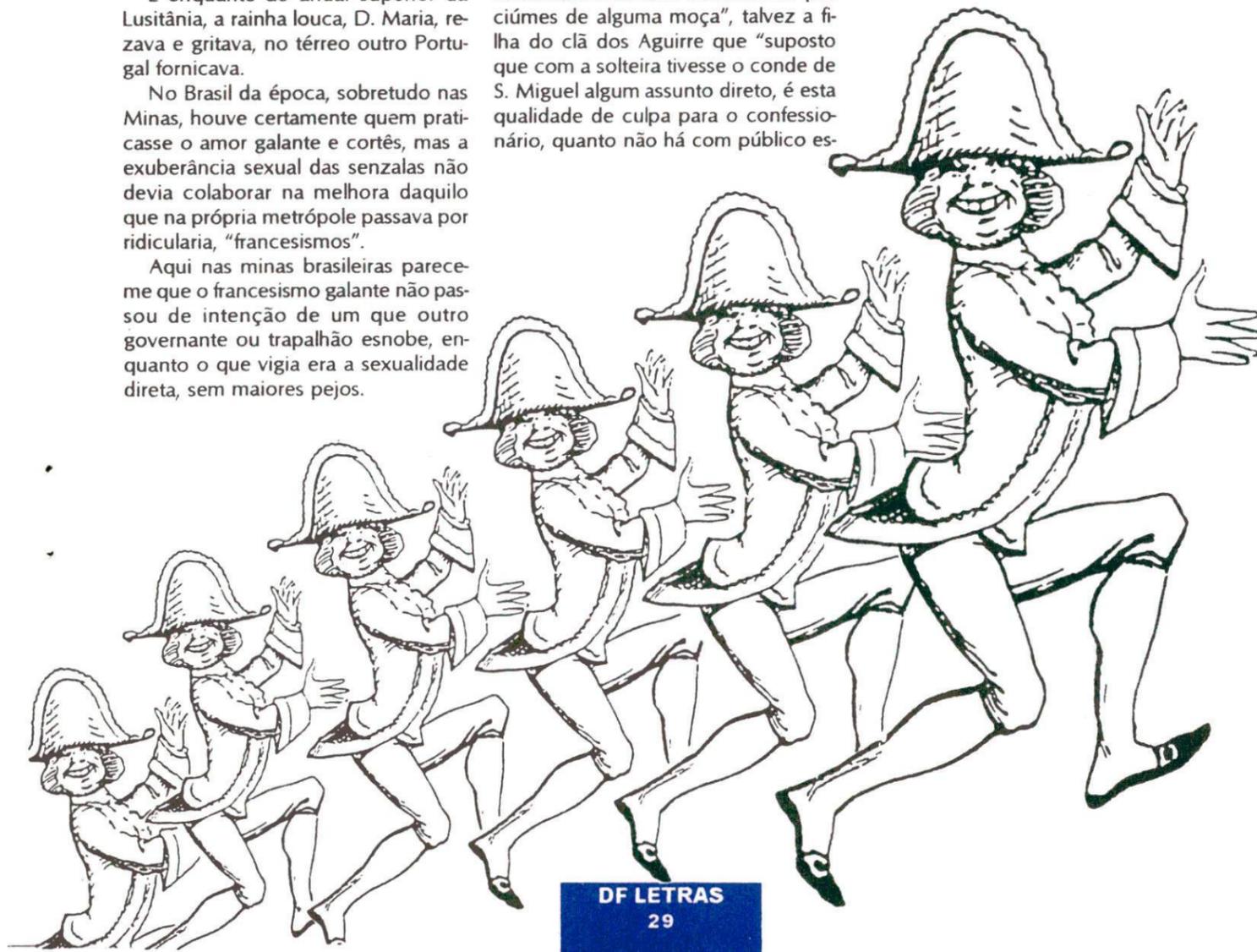
Até o céu e o desembargador Brandão eximiu o pecadilho do conde. Desde que não via prejuízo do Real Serviço...

Diz Saint Hilaire da polvorosa que nos lares da Vila Boa fazia a chegada de um Capitão-general, até que escolhida a sua amante a paz voltasse aos outros homens e mulheres.

Bernardo Élis, no delicioso "Chegou o governador", mostra com detalhes o que era o processo de sedução desde o mais alto figurão da Capitania até as mais sonhadoras e humildes donzelas.

Élis, porém, reporta-se a um tempo mais clemente e a personagens lustrosos, como no amor do conde de São João da Palma e a goianinha Angela Ludovico.

Nos tempos mais bicudos da Viradeira, nos três quartos para o fim do século XVIII, com os governadores



cândalos que ecoaram por séculos.

Metendo-se os lusíadas nas conquistas simultâneas do Brasil, das duas costas da África e da Índia, grande orgasmo mortal das caravelas vomitadas de pólvora e chumbo, o português colonial tornou-se um habitado da femealidade exótica.

Seu império quixotesco sob o ponto de vista de recursos humanos e materiais manteve-se por inverosímeis anos nas quatro partes insustentáveis do mundo a que chegaram, graças a uma incriteriosa política sexual, extra-étnica, ultra-étnica, critério nenhum, à diferença dos espanhóis que foram desposar as nobrezas indígenas nas terras em que aportaram. Li algures sobre uma carta régia do século XVI, incentivando os colonizadores portugueses à miscigenação e proliferação nos trópicos, mas não tive acesso ao documento.

Coisa de marinheiro, de ralé do porto, o português, ao tempo em que foi espanhol (1580 - 1640), celebrou-se em toda Europa pelos enormes bigodes, pela guitarra à mão e ainda pela desusada, anacrônica e inverosímil espada medieval que arrastava atrás de si, às vezes maior do que o dono, quando outros europeus - que pouco sabiam das cruzeiras dos novos mundos - portavam leves sabres e decorativos espadins.

No século XVII tornou-se famoso nas cortes europeias o "beliscão português". Segundo Júlio Dantas, dava-se da seguinte forma, o tal beliscão.

Chegava, suponhamos, um fidalgo português a qualquer uma das 200 missas que se rezavam diariamente em Madri ou Lisboa. No burburinho do átrio da igreja aspergiam as mulheres à pia benta, vestidas com aquelas sai-

as armadas de balão, sustentadas por algumas centenas de metros de fios de arame e outros tantos de entretelas, sem falar nos travamentos de caniços, elásticos e outros.

Ouvia-se, então, o grito lancinante - Ai, Jesus! - e a balbúrdia formada no átrio. Dali escapava sorrateiramente o artista português, minucioso engenheiro, náutico que, por entre o complexo aranzel das saias de madame, conseguira pespegar-lhe nas nádegas ou na coxa o roxo hematoma do amor à portuguesa. O beliscão português. Se atingia a anca da senhora chamava-se "beliscão do sétimo céu".

Depois, no século XVIII, queixa-se Júlio Dantas, com a corte de D. João V, o "beliscão" foi aposentado e o "francesismo" instalou-se nos costumes amorosos do reino. O português ele-

gante do século XVIII chamou-se primeiro "o faceiro", depois "o bandalho", depois "o peralta", por fim, "o casquilho" e, genericamente, "o frança".

Empoava-se todo com o mesmo pó-de-arroz que ainda hoje vende-se. O cabelo longo prendia-se do lado das têmporas com um ou dois chinós - a mesma chuca que ainda se usa fazer em crianças pequenas, só que esta é no topo da cabeça.

Vestia botas altas com saltos que ainda se fazem hoje em raros sapateiros e usam-se nos rodeios de Goiânia. E ia para as ruas namorar.

O namoro preferido (mas não a única forma de namorar) era pelas igrejas e conventos. Se, nos conventos, visando a "prima" monja e nesse caso o namorado era um "freirático", categoria que, a crer-se em Júlio Dantas, empregava meio Portugal ao culto, único no mundo, das vênus enclausuradas.

Um imperceptível código morse percorria as naveas das igrejas. As mulheres falavam aos homens com trejeitos de leque que fariam inveja aos sinaleiros de um porto congestionado. Os homens repicavam com modas de "lencinhos" que, conforme as dobras, as cores e os gestos de quem manjava, desenhavam um vasto discurso amoroso.

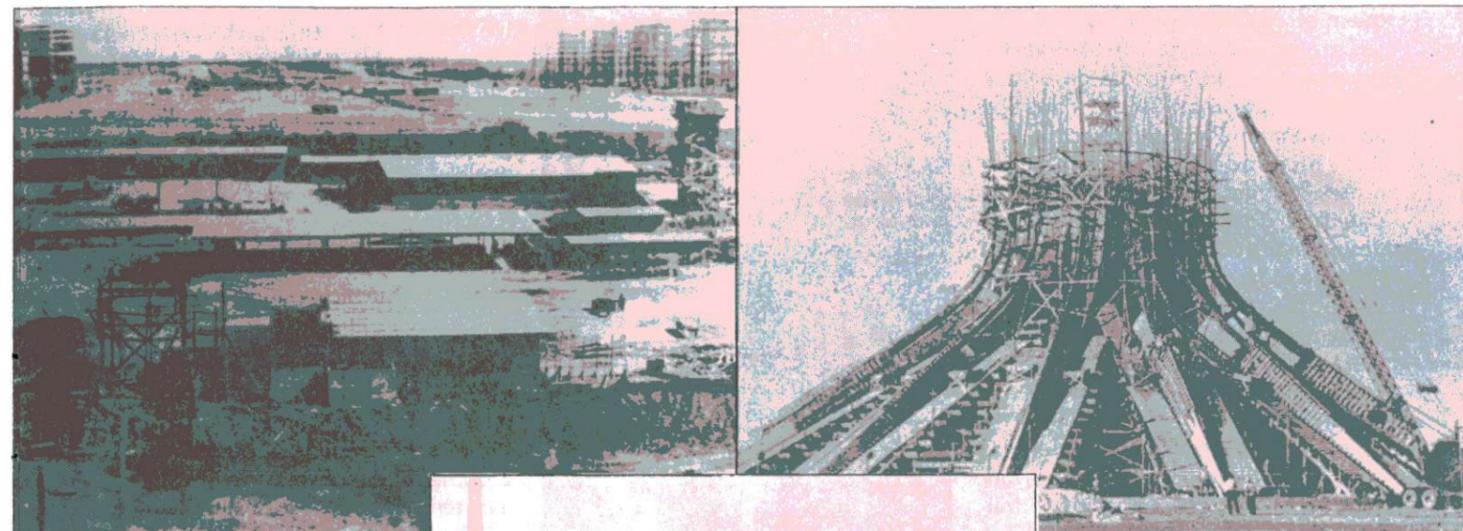
As Cartas Chilenas criticam acrememente as modas de lencinho que Luís da Cunha exercitava em Vila Rica, o que por si revela resistência a esse modismo.

Em Portugal também reagia-se ao francesismo, tanto que os nomes de bandalho, casquilho e outros têm inegável sabor de deboche contra o cortesão exótico.

O namoro nas vias públicas, por exemplo, dava-se em duas modalida-



Ismael Nery, desenhos a nanquim (1930)



Vista parcial da Esplanada dos Ministérios. Em destaque o início das obras do Congresso Nacional

melha, argilosa, a escorrer nas imensas enxurradas de seu dilúvio anual da época das monções.

E por não ter uma cor especial a cidade é branca, como branca e verde é sua esplanada e brancos os olhos dos seus candangos que não tiveram passado e nem esperam muito do futuro, ao menos para si mesmos, talvez para seus filhos. E verde é a grama que substitui, como num tapete civilizado, o antigo chão nativo, a canga impura, a bruta mina do poeta; o chão batido de pés anônimos por onde nunca andaram romanos, nem gregos, nem Alexandre Magno, nem Napoleão e nem Genghis Khan e nem exploradores famosos do Novo Mundo: apenas índios ignotos, mais tarde os invasores portugueses, bandeirantes, talvez algum espanhol desavisado à procura do Eldorado e alguns raros cientistas - alemães, russos, ingleses - colecionando sua flora e sua fauna. E mais alguns afortunados descobridores de ouro que se acabou tão rápido quanto surgiu. E ainda: tropeiros de

Um Poder observa o outro. Através da sensibilidade do fotógrafo, o Palácio do Planalto vê o Congresso Nacional se erguer para ser a Casa do povo

Minas com seu comércio de mascates, fazendeiros rudes e atrasados, alguns bandoleiros de tempo integral e jagunços de coronéis do grande sertão, roteiro de Diadorim e de Tatarana na peregrinação interminável das Oerais.

Uma sensação estranha: aqui não há separação entre a ilusão e a realidade. Ali estavam todos como condenados de uma galera, aparentemente livres e sem grilhões, mas atados à grande pedra de mó que girava noite e dia

A construção da Catedral Metropolitana de Brasília mobilizou toda a comunidade religiosa e representa uma conquista do homem na reafirmação de sua fé

sem parar, vinte e quatro horas seguidas, dias úteis, sábados, domingos e feriados, tudo para construir a grande pirâmide, a mais alta e moderna do mundo, no meio do deserto brasileiro. Porque no princípio era o verbo e o verbo era construir. E aportou aqui a multidão variada, toda a vasta mistura do ventre do Brasil, para construir Persépolis. E mais que em Cafarnaum e na Babilônia, era um núcleo mais rico, com humanistas e aleijados, idealistas e pés-de-chumbo, progressistas e reacionários, donzelas empedernidas e putinhas de tempo integral. E dor de cabeça, sífilis, saudades de Matão,

dor de corno, rock'n roll e música sertaneja, carne-de-sol e feijão de corda, peixeirada na barriga, tutu com torresmo, esperanças destruídas, virgindades perdidas, sonhos de um carnaval. E com o colonizador vinha a vontade de ser feliz, a busca da paz, que jamais terá; do amor, que é fugaz como o relâmpago; e do poder, que não se prende, como o vento; ou da fortuna, roda caprichosa a embalar os sonhos e devaneios e a cobrar duro tributo de

EROS & NARCISO

NO SERTÃO SETECENTISTA

□ Paulo Bertran

A cultura portuguesa e a brasileira tiveram muito no passado de um certo toque lúbrico, de um erotismo meio estranho. Na Idade Média, metidos entre mouros, espanhóis e cruzados de toda Europa, "filhavam-se" os portugueses às mulheres uns dos outros, conforme a sorte das batalhas e escaramuças. Para depois "roussar-lhas", tudo isso conforme vetustas genealogias medievais.

Ao Rei Sancho II, um súdito roubou-lhe a rainha D. Mécia no próprio quarto real e não a devolveu.

Pedro, o Cruel, amadíssimo do povo português, e seu filho, envolveram-se com as beldades Inês de Castro e Leonor Telles, com es-

"Ouvia-se, então, o grito lancinante - Ai, Jesus! - e a balbúrdia formada no átrio. Dali escapava sorrateiramente o artista português, minucioso engenheiro, náutico que, por entre o complexo aranzel das saias de madame, conseguira pespegar-lhe nas nádegas ou na coxa o roxo hematoma do amor à portuguesa."



quem se aventurava em sua procura.

Dez mil anos de História e de desencontros, de heranças desbaratadas, de lágrimas e de cansaço aportavam em Persépolis; raças e credos misturados em confiança e irresponsabilidade, porque nada se constrói do planeta sem a mais despuorada levandade que, se vitoriosa, é saudada pelos póstergos como exemplo de larga visão e de contemporaneidade com o futuro; e se fracassar, como freqüentemente fracassa, ninguém tomará conhecimento dela. É a reedição das caravelas de Colombo e de Cabral, agora dotadas de carrocerias e pneumáticos, a avançar mar adentro, nos inóspitos e traiçoeiros caminhos das veredas, nova Taprobana dos "mares nunca dantes navegados", trazendo, no sangue e nos olhos, a mesma e acesa chama da coíça, na busca incessante e interminável do ouro e da glória, a áurea coroa com a qual enfeitar a fronte e premiar-se com a eternidade.

Que cidade é essa? Poderia denominá-la pela arquitetura nova e ousada, pelos grandes espaços vazios, pela sensação de paz e majestade que

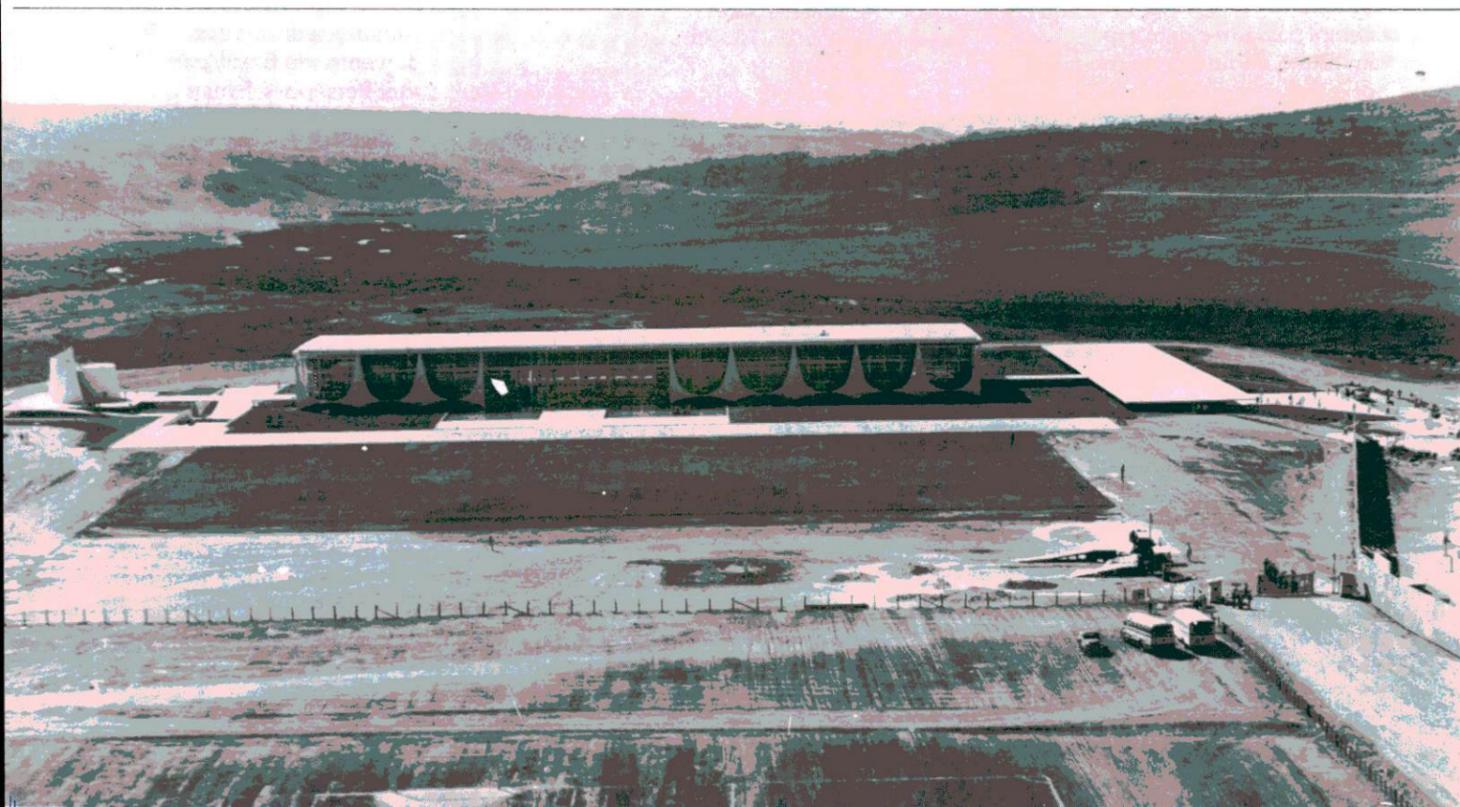
Na foto histórica, tendo ao fundo o Palácio da Alvorada, nem o lago Paranoá tinha sido feito



Os operários que construíram o plenário da Câmara dos Deputados não imaginavam quanto das decisões seriam tomadas ali

transmite, pelo futuro que antecipa. Mas ela só comporta uma definição verdadeira: a cidade do mistério, a esplanada dos mistérios, o ponto mítico de encontro universal de discos voadores com peregrinos vindos da

Terra Santa e das margens longínquas do Ganges; de romeiros de Santiago de Compostela com viajantes de Juazeiro do Norte e os caminhantes das estradas de Minas atrás de Chico Xavier e Zé Arigó; ponto de encontro dos fiéis de Meca e dos que demandam Bom Jesus da Lapa, todos os que buscam a salvação, em algum lugar e de alguma forma. Uma cidade dos mistérios - e eles não estão escritos nas profecias e nem nos livros profanos. Não se encontram no ar e nem nas estrelas. Os mistérios são carne e habitam entre nós. Porque os mistérios são eles, os candangos, que abateram a primeira árvore torta do cerrado, e não têm passado e nem lastro cultural, mas construíram o novo templo de Salomão. A massa dos deserdados de tudo, dos famintos de esperança, aventureiros e jogadores, operários e guerreiros, gladiadores e escravos - eles ergueram as paredes das catedrais do poder. Impossível individualizá-los na semelhança de seus rostos, na uniformidade de sua pobreza. Candangos: uma vez denominação pejorativa, diminutivo da condição humana e depois tornado em substantivo de vida própria, como uma borboleta que nasce da larva, eles são o mistério maior dessa esplanada de mistérios, desse grande oceano no qual vêm desaguar todas as águas, todos os sonhos e todas as minhas esperanças.



A caminhada de Barbosa

□ Napoleão Valadares

"O regime dos generais acabou onze anos atrás. Barbosa Lima, além de sobreviver a ele, contribuiu decisivamente para enterrá-lo compondo, com o deputado Ulysses Guimarães, a chapa de oposição civil à campanha concebida exclusivamente para confirmar o general Ernesto Geisel na Presidência da República."



Neste início de 97, Barbosa Lima Sobrinho completou cem anos. Não temos notícia de outro escritor brasileiro que tenha vivido tanto. Magalhães de Azeredo viveu noventa e um, Menotti Del Picchia foi até os noventa e seis e Austregésilo de Athayde, com aquela lucidez invejável, também não conseguiu chegar lá.

O centenário do nosso Barbosa, como um fato inédito na Literatura Brasileira, merece destaque. Ainda mais considerando tratar-se de uma pessoa que, na quase totalidade do seu século de vida, pela retidão que lhe é peculiar, tem prestado relevantes serviços à Pátria.

Conhecido como nacionalista inveterado, esteve na mira dos generais de 64. E em 73 candidatou-se contra eles à Vice-Presidência da República, com Ulysses Guimarães, marcando presença numa eleição em que o povo estava fora. Esteve nos palanques de Tancredo Neves e, depois, veio a ser escolhido para assinar o processo de *impeachment* de Collor.

Mas o velho Barbosa não é só político. É muito mais outras coisas do que político. Principalmente escritor e jornalista, mantendo um artigo semanal no "Jornal do Brasil" há sessenta e nove anos, ininterruptamente. Foi o mais moço presidente da Associação Brasileira de Imprensa e agora é o mais velho presidente daquela instituição. Está tomando o chá das quintas na Academia desde 1937, inclusive como presidente, e publicou mais de cinquenta livros, tratando de direito, filologia, economia, administração, jornalismo, e da Língua Portuguesa, da Revolução de 30, da Praieira, da Guerra dos Mascates, do rio São Francisco e de outros assuntos.

E caminhou muito mais. Foi fundador do Clube Náutico, advogado, promotor, deputado federal, governador de Pernambuco, professor, conferencista, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, procurador da Prefeitura do Rio de Janeiro e por aí vai.

O menino que há cem anos nasceu em Recife, no dia 22 de janeiro, pode dizer, com Herivelto: "Vida comprida, estrada alongada..." E cheia de tropeços. Mas réta.

HQ?

Vilã ou Heroína?



"O livro Sedução dos Inocentes, de F. Whertham, transformou as HQs numa grande vilã. Ele as acusava de estragar a juventude com suas histórias violentas e sua temática idiotizante. O resultado mais imediato foi a retração da indústria editorial e a criação de um código de ética."

□ Wilson Rossato

"S anta história interessante, Batman", diria Robin, o menino-prodígio, amigo do homem-morcego. E bota interessante nisso.

As Histórias em Quadrinhos (HQs) surgiram na virada do século XX, derivadas de formas de expressão mais antigas como a literatura ilustrada e os desenhos humorísticos, considerados as pré-histórias em quadrinho.

Teorias diversas sobre seu nascimento surgiram, sendo necessário que um marco zero fosse estabelecido. O consenso gira em torno da publicação de **Yellow Kid**, criação do americano Richard Outcault, do jornal *New York World*, em 1896, apenas um ano depois da primeira projeção de cinema. Alguns estudiosos falam em HQs bem anteriores à criação de

Outcault, mas foi só com **Yellow** que apareceram pela primeira vez dois dos mais importantes elementos para a síntese da linguagem das histórias em quadrinhos modernas. O primeiro é o uso das ilustrações. O balão passou a aparecer junto à boca dos personagens, dando maior versatilidade aos roteiros. O segundo, e mais importante, foi o fato de **Yellow Kid** ter sido publicado periodicamente por um grande jornal.

A HQ recebeu seu grande impulso quando a imprensa americana viu nela uma possibilidade de tornar seus jornais mais populares. Primeiro seus quadrinhos começaram a sair aos domingos, depois passaram a ser diários. Já na última década do século passado, os suplementos dominicais se tornaram verdadeiros tubos de ensaio para o desenvolvimento de uma linguagem específica, dando oportunidade para o surgimento de inúmeros novos autores e personagens.

Muitos deles entraram para a História, como **Os Sobrinhos do Capitão** (1896), de Rudolph Dirks; **Buster Brown** (1902), de Outcault; **Little Nemo** (1905), de Winsor McCay e **Krazy Kat** (1911), de George Herriman. No Brasil, surgia em 1905 a revista **O Tico Tico**, abrindo o mercado para os



quadrinhos. Em suas páginas surgiram alguns dos primeiros personagens brasileiros como **Chiquinho** e **Reco-Reco**, **Bolão** e **Azeitona**, de Luís Sá.

Comics nos Estados Unidos, **Fumetti** na Itália, **Bandes dessinées** na França, **Mangá** no Japão. Em sua história, as HQs só conheceram um outro momento tão expressivo quanto o que atravessa atualmente: o período que vai de 1929, ano da quebra da bolsa de Nova Iorque, a 1939, ano do começo da Segunda Guerra Mundial. Era a época da Grande Depressão e por todo lado - no rádio, no cinema, na literatura e nos quadrinhos - o público procurava por grandes heróis que mantivessem a esperança de que as coisas poderiam melhorar.

Em 1929, Hal Foster adaptava a saga de **Tarzan**, o popular romance de Edgar Rice Burroughs, transformando o personagem em um grande sucesso. No mesmo ano surgiam **Buck Rogers**, o primeiro aventureiro intergalático e **Tintim**, criação do belga Hergé. Nos anos 30 nasciam **Mickey** e o império Disney, e **Dick Tracy** (1931), de Chester Gould, o primeiro detetive a usar um rádio de pulso. Em 1934, Alex Raymond criou **Flash Gordon**, que antecipou a minissaia e os foguetes aerodinâmicos, para concorrer com **Buck Rogers**, e **Jim das Selvas**, para rivalizar com **Tarzan**. No mesmo ano o desenhista Lee Falk inventou **Mandrake** e em 1936, o **Fantasma**.

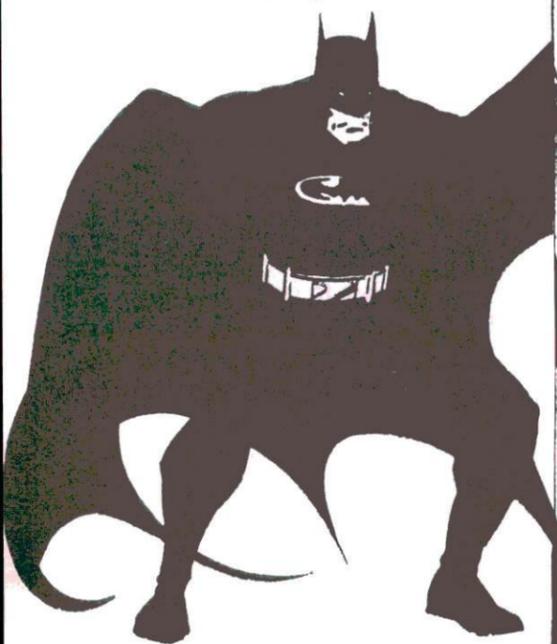
Em 1937, Hal Foster criaria o **Príncipe Valente**, o clássico dos clássicos, sendo que a maioria desses personagens fez o seu próprio nome, continuando a existir no traço de outros artis-



...MAS ISSO NÃO VEM AO CASO.

VOCÊ ESTÁ EM GOTHAM. SE NÃO SABE DISSO, TEM SÉRIOS PROBLEMAS COM A NOÇÃO DE REALIDADE.

SÉRIOS MESMO!



tas, mesmo depois que seus criadores os abandonaram.

Um pouco antes da guerra, o surgimento do **Super-Homem**, da dupla Jerome Siegel e Joe Shuster, abriu o fantástico filão dos super-heróis. O mundo do crime organizado jamais seria o mesmo. Um ano depois, em 1939, foi criado o maior rival do **Super** em popularidade, o **Batman**, de Bob Kane. Com a criação do homem-morcego foi aberta a concorrência para a interminável galeria de estranhos heróis que conhecemos.

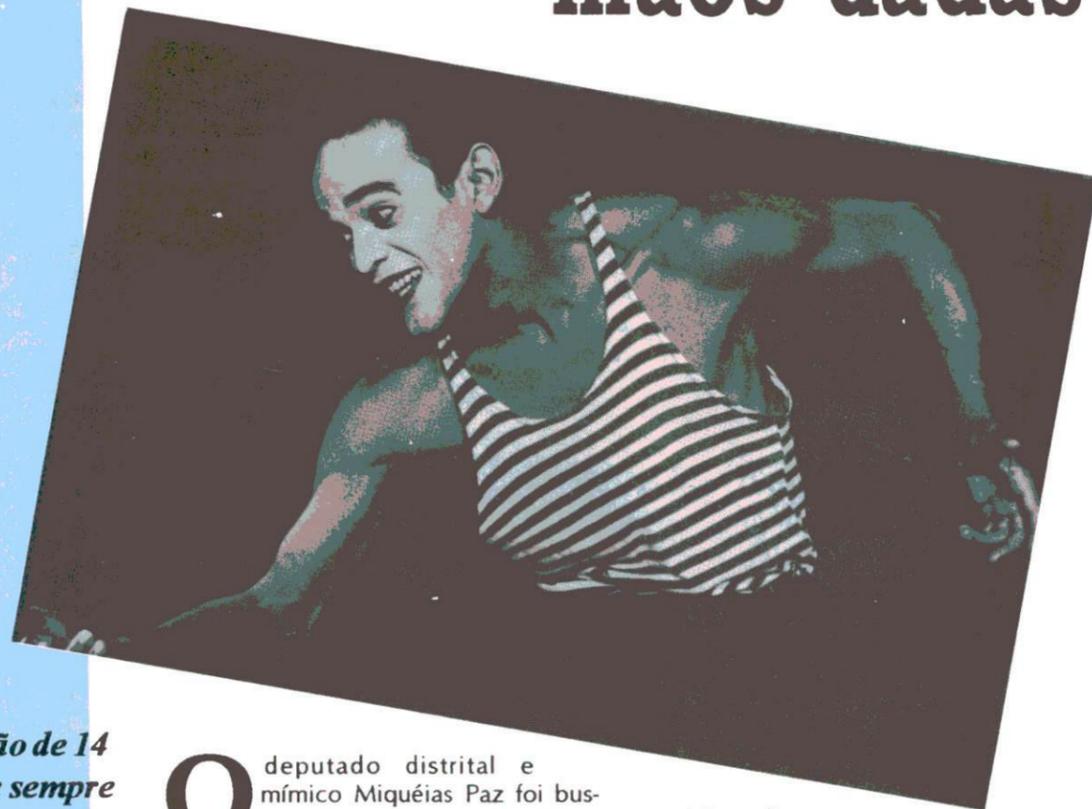
As histórias em quadrinho entraram em baixa na década de 50, sofrendo com a grande cruzada moral que assolava a América. O livro **Sedução dos Inocentes**, de F. Whertham, transformou as HQs numa grande vilã. Ele as acusava de estragar a juventude com suas histórias violentas e sua temática idiotizante. O resultado mais imediato foi a retração da indústria editorial e a criação de um código de ética, mais ou menos parecido com o que aconteceu com o cinema nos anos 30. Desse período destacam-se a criação da turma do **Charlie Brown** (1950), de Charles M. Schulz, o bom das histórias de terror e o lançamento da louquíssima revista **Mad**, em 1952, de Harvey Kurtzmann.

A década de 60 foi marcada por um grande *revival* do classicismo da "era de ouro" por parte dos europeus, que começaram a encarar as HQs como uma verdadeira forma de arte. Junto ao nascimento dos primeiros centros de estudos europeus, **Asterix**, criação de Uderzo e Goscinny, e **Corto Maltese**, de Hugo Pratt, se tornaram verdadeiras coqueluches no mundo todo. Na América surgia Stan Lee, criador da linha de roteiros introspectivos para os novos super-heróis, como o **Surfista Prateado**, que é um dos seus típicos personagens angustiados.

Depois que a França lançou a revista **Metal Hurlant**, da qual nasceria a americana **Heavy Metal**, já nos anos 70, as HQs ganharam definitivamente o status de obras de arte. O formato dos álbuns de luxo se tornou popular, dando impulso ao refinamento da produção e ao surgimento de uma geração de verdadeiros artistas, como os americanos Frank Miller, que bagunçou a vida dos super-heróis com a reformulação do caráter de **Batman**, e Bill Sienkiewicz, o italiano Milo Manara e o francês Moebius.

MÍMICA

Arte e política de mãos dadas



Uma dedicação de 14 anos à velha e sempre atual função da arte: a mímica. Miquéias Paz é sinônimo de boa mímica. Nesta trajetória que inclui apresentações na Europa, Oriente Médio e América Latina, Miquéias teve a sua estréia nos palcos de Brasília no Teatro Galpão.

O deputado distrital e mímico Miquéias Paz foi buscar inspiração na Grécia antiga para enfrentar o grande problema da classe política neste final de século, que é a crise da democracia representativa. Pelo menos uma vez por mês, o deputado leva seu gabinete para o "meio da rua" e faz como os gregos faziam: reúne-se com os cidadãos em praças públicas para discutir e debater os rumos da *pólis*.

O projeto - denominado "A Tenda" e que remonta também à história do teatro - tem-se transformado em espaço ideal para que o deputado exercite, na política, a arte de se comunicar com o povo, experiência que adquiriu ao longo de sua trajetória como mímico.

Arte e política sempre andaram juntas na vida do mímico que buscou nas questões sociais temas para sua atuação. Foi o que o aproximou das entidades organizadas de trabalhadores e estudantes. Ator, arte-educador e professor da disciplina Expressão Corporal na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília, Miquéias teve oportunidade de ampliar

sua visão política a partir da carreira artística que o levou para várias partes do mundo, transformando-o num mímico reconhecido internacionalmente.

Mas o casamento entre arte e política nem sempre se deu de forma tranquila na vida de Miquéias. Em novembro do ano passado, o mímico trouxe problemas ao deputado quando foi divulgada foto em que aparecia ao lado de duas dançarinas de street dance. As dançarinas haviam sido atração no espetáculo no qual o mímico apresentara um número. O deputado teve de ir à tribuna defender o direito de continuar expressando-se artisticamente, a despeito de ser um parlamentar.

As atividades parlamentares ocupam a maior parte do tempo de Miquéias que, no entanto, nunca deixou de apresentar-se como mímico em eventos do próprio gabinete ou atendendo a convites de escolas, por exemplo, colocando também o seu trabalho artístico a serviço do brasileiro, como, aliás, sempre o fez.

soa nem sabe que não sabe". Como o fenômeno é universal, Kidder disse a mesma coisa com outras palavras.

SOCIEDADE ÁGRAFA - Agora chegamos à sabedoria filológica do acadêmico Antônio Houaiss a afirmar abertamente a feição ágrafa do Brasil de nossos dias. Em entrevista ao "Correio Braziliense" (7/10/80) disse ele: "No momento em que talvez iríamos dar o salto qualitativo para a democratização do livro e a democratização do ensino, nesse momento emergem os meios de comunicação de massa eletrônicos, que dispensam efetivamente para o usuário, para o consumidor, o conhecimento da língua escrita". Conclui então Houaiss, com melhor clareza que nós, a entrada de nossa sociedade numa fase ágrafa, escorada na imagem e no som: "Então, nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro". Caio Porfírio Carneiro, escritor cearense radicado em São Paulo, confirma "o surgimento de uma geração ágrafa, idiotizada pela televisão". O romancista Moacyr Scliar, por sua vez, diz incisivamente: "Sim, a TV rouba leitores" - ambos em depoimento à "Revista do Escritor Brasileiro - Literatura", nº 3, dezembro de 1992.

Scliar, porém, mantém otimismo, tem esperança e fé na literatura e em seus leitores. Concordamos, realmente o livro continuará, como continuará a existir leitores; será muito difícil liquidá-los totalmente, mesmo porque as idéias, os grandes temas políticos e sociais e até mesmo o da própria televisão serão difundidos pelo livro, embora ao alcance, ou do interesse de poucos, a "elite" de Brian Winston, ou a "pequena elite", de Francisco Carvalho.

É bem provável, cremos, que os **escritores** - os criadores, os poetas e prosadores, do conto e do romance, os críticos, ensaístas e historiadores, tais como são conhecidos desde a antiguidade e mais acentuadamente depois da invenção de Gutenberg - estejam em processo de extinção, como os dinossauros lembrados por Francisco Carvalho, não se sabe bem por que, desaparecendo completamente da face da velha Terra, deixando só os

ossos naquela funda camada geológica; os dinossauros da escrita estão ameaçados de desaparecer sob a camada sutil da imagem cinematográfica e do som estéreo, a não ser que se modifiquem, evoluam, de modo darwiniano. Entre os que trabalham em estúdios de televisão, diz-se que os conhecimentos por ela transmitidos têm a imensidão dos mares - com a profundidade de cinco centímetros. Dentro destes rasos mares não cabem intelectuais, afeitos só às profundidades abissais da cultura.

MANDARINATO - Se, concluamos, as pessoas em quase todo o mundo - a televisão está presente até no mais recôndito cafundó do mundo onde chegue rede elétrica, ou mesmo uma simples bateria -, cada vez mais prendem-se às imagens e ao som das telinhas e largam para lá os livros - "o veículo de elite", de Brian Winston - poderá haver, forçosamente, uma classe de letrados - uma elite - a quem os livros serão confiados. Nesta condição esta aristocracia das letras terá uma predominância sobre a massa de ágrafos, detentora que é do saber, do conhecimento de modo geral.

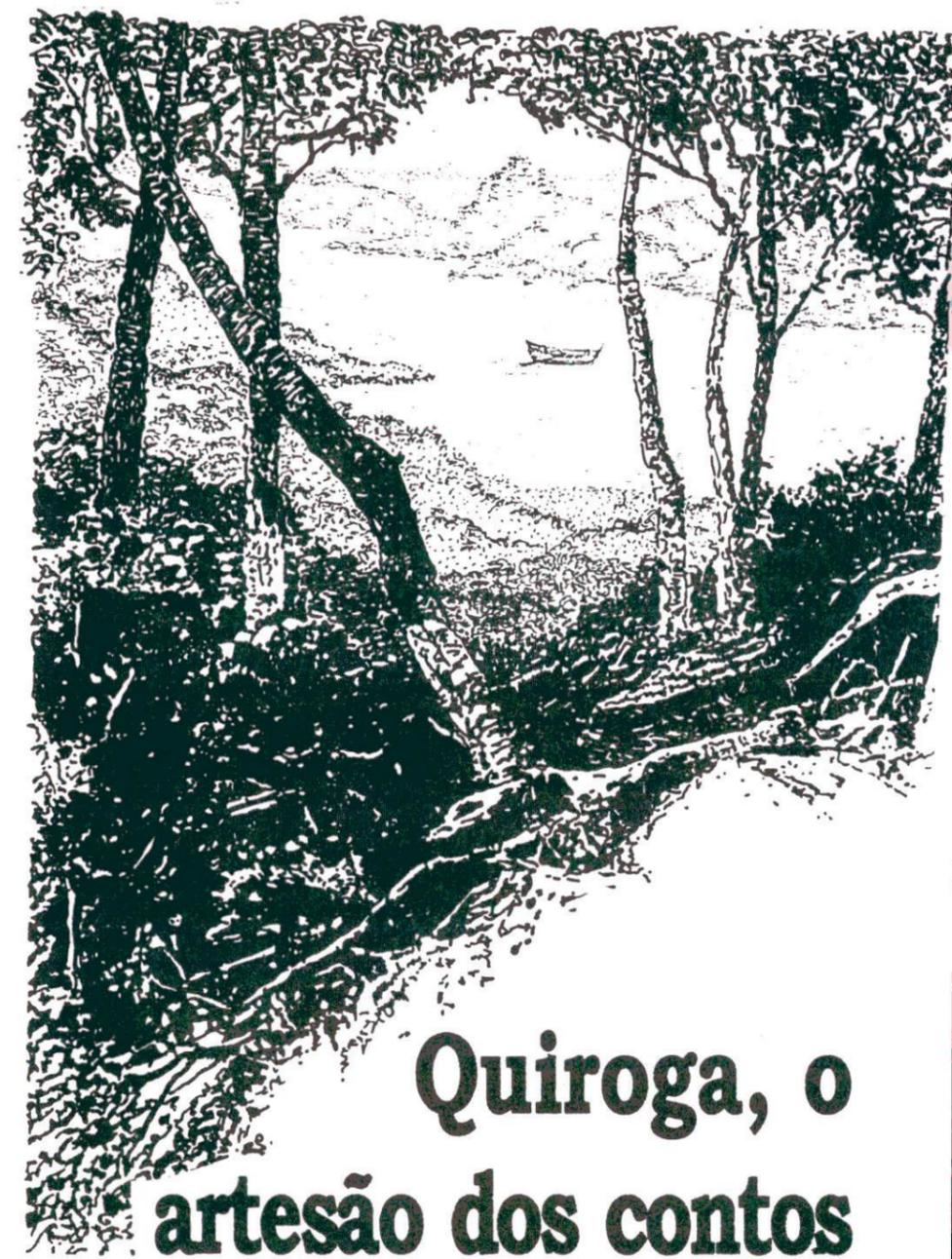
Concordando com Moacyr Scliar, achamos que a literatura, mesmo com poucos leitores, sobreviverá, permanecerá como fonte perene de conhecimento e de poder. De poder sim, nas mãos de poucos, os suficientemente alfabetizados conhecedores dos segredos da língua escrita e da cultura humana acumulada desde os gregos, dentre eles havendo especialistas em tais e quais assuntos, como filosofia, história, ciências exatas e - por que não? - até poesia.

Poderão, esses letrados, vir a ser como os mandarins da China Imperial que administravam o país desde a corte, as províncias e as vilas depois que demonstravam, em concurso público, sua sabedoria, o conhecimento dos códigos e, principalmente, dos milhares de caracteres da língua escrita (vide "A Imagem da China", do jornalista e ensaísta inglês Dennis Bloodworth - Bloch Editores, 1969). Nesta cadeia de sábios - o mandarinato -, tais homens de letras capazes de ler os manuscritos ideográficos e deter a arte da caligrafia, com habilidade para escrever

textos oficiais ou copiar velhos livros, dominaram, por séculos, o império, desde o imperador Han Fei até quase nossos dias. Diz Bloodworth: ... "o que era importante com relação a esses homens (os mandarins) não era o fato de serem eminentes, mas sim terem conhecimentos de que ele (o imperador) necessitava". Se, pelo exposto, caminhamos realmente para uma sociedade ágrafa, esta muito precisará dos que mantiverem a cultura literária e científica. Quem detém a cultura e a técnica nos ensina a história, tem o poder.

Poderemos então - e aí está o perigo, os mandarins acabaram mais poderosos e arbitrários que os imperadores - ter um novo mandarinato (de caráter mundial?), pois é claro que os capazes de ler e entender os livros serão, em todos os campos - do mais alto cargo político ao simples gerenciamento de uma loja - os superiores ou dominadores, por qualquer meio, de minoria que só assimila conhecimentos, de qualquer gênero, através da imagem e do som. Os novos mandarins, evidentemente, administrarão esses conhecimentos e o farão segundo seus interesses. De modo algum queremos ser futurologistas. Sabemos que as coisas mudam, nada é imutável como os dogmas de Tomás de Aquino. A videocultura, inegavelmente, se já não nos dominou, há cinquenta anos está a caminho, caminhos insondáveis que poderão nos levar a um "brilho redentor no céu" ou à "insuportável perturbação da paz". A humanidade não pode se deixar dominar inteiramente por ele. Se a televisão - ou a imagem e o som que ela contém - é indispensável - lembrai-vos de Alçada Batista - ao homem moderno, a democracia e as formas livres de pensamento são mais indispensáveis ainda. Cabe aos intelectuais, aos que lêem e escrevem, antes de desaparecerem como os dinossauros, enfrentar a videocultura. Quem sabe aproveitando o próprio fascínio que ela exerce sobre o povo para, de dentro dela mesma, preservar as conquistas - a literatura e a democracia, de preferência - da humanidade adquiridas nestes trinta séculos, desde Atenas, desde os helenos.

"... Lá embaixo, no rio de ouro, a canoa derivava velozmente, de quando em quando girando sobre si mesma nos cachões de um redemoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor e ia calculando quanto tempo se passara desde a última vez que vira seu ex-patrão Dougald. Três anos? Não, nem tanto. Dois anos e nove meses? Quem sabe oito meses e meio? Isso sim, seguramente."



Quiroga, o artesão dos contos

Neste ano faz 60 anos da morte do escritor e contista uruguaio Horácio Quiroga (1878-1937). No comentário de Ángel Rama, ele foi o primeiro escritor rio-platense no qual o *homo-faber* e o estilista andaram juntos: "Quiroga é o primeiro narrador que concebe a literatura como um ofício e a composição de contos como artesanato, relacionando-o com as atividades de inventor e mecânico que sempre o atraíram".

No sopro dos ventos do Mercosul resolvemos publicar um conto de Horácio Quiroga para fugir das citações de sempre, tais como Borges, Esquivel entre outros grandes escritores platinos. O livro "Vozes da Selva", publicado pela editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, reúne nove contos do autor, selecionados e organizados por Pablo Rocca e traduzidos por Sérgio Faraco.

Para Pablo Rocca, poderíamos

ampliar a formulação de Ángel Rama, identificando nele não só o inventor ou o mecânico, mas também o homem que trabalha e conhece seu meio, que domina seu "ambiente" e só por isso está em condições de abordá-lo literalmente. Este ressaibo da filosofia positivista spenceriana - muito em voga no Rio da Prata no fim do século XIX - demonstra até que ponto ele se tornou prisioneiro de uma racionalização mecânica. O próprio Quiroga não vacilou em definir-se, em seu artigo "Los trucs del perfecto cuentista": "Não se conhece nenhum criador de contos campeiros, mineiros, marinheiros, andarilhos, que antes não tenha sido, com maior ou menor eficácia, campeiro, mineiro, marinheiro e andarilho de profissão, isto é, elemento fixo de um ambiente que mais tarde aproveitará (...) em seus relatos de cor local".

Ainda segundo Rocca, além dos paradigmas ideais (quase ideomáticos) que deram a Quiroga uma razão para viver, na sua trajetória de escritor, a literatura se apresentou como problema, muito mais do que ele admitiu na correspondência com amigos. Se, como pensava Borges, ler é um modo de criar, Quiroga tratou de formar uma "família literária". Essa família criada - não legada pela carente tradição narrativa do Rio da Prata - quase não tinha residência em sua própria língua. Poe, Maupassant, Kipling, Tchekhov, Bret Harte, Jack London, Dostoiévski e Leopoldo Lugones ensinaram Quiroga a escrever desde o princípio da carreira, por volta de 1899, ou em distintos estágios de seu trabalho criativo.



À deriva

□ Horácio Quiroga

O homem pisou em algo mole e logo sentiu a mordida no pé. Saltou para a frente, e ao voltar-se, praguejando, viu uma jararacuçu que, enrolada, esperava outro ataque.

Deu uma rápida olhada no pé, onde duas gotinhas de sangue cresciam dificultosamente, e tirou o facão do cinto. A víbora pressentiu a ameaça e afundou a cabeça no centro de sua espiral, mas o facão desceu e, batendo de dorso, esmagou-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se, limpou o sangue e por um momento ficou olhando o ferimento. Uma dor aguda nascia dos dois pontinhos violáceos e começava a invadir todo o pé. Apressadamente, atou o tornozelo com o lenço e seguiu pela picada em direção ao rancho.

A dor no pé aumentava, com sensação de hispido intumescimento, e sem demora o homem sentiu duas ou três elétricas pontadas que, como relâmpagos, irradiavam-se da ferida para a panturrilha. Movia a perna com dificuldade, e uma secura metálica na garganta, seguida de uma sede abrasadora, fez com que novamente praguejasse.

Chegou, por fim, ao rancho, e deixou-se cair de bruços sobre a roda de um engenho. Os pontinhos violáceos tinham desaparecido na monstruosa inchação do pé. A pele parecia mais fina, esticada a ponto de rasgar. O homem quis chamar sua mulher e só pôde emitir um ronco arrastado de garganta ressequida. A sede o devorava.

- Dorotea! - conseguiu chamar, num estertor. - Me dá canha!

A mulher correu com um copo cheio, que o homem bebeu em três goles. Mas não sentiu gosto algum.

- Te pedi canha, não água - rugiu de novo. - Me dá canha!

- Mas é canha, Paulinho - protestou a mulher, espantada.

- Não, me deste água! Quero canha! A mulher correu outra vez, retornando com o garrafão. O homem tomou dois copos um atrás do outro, mas não sentiu nada na garganta.

- Bueno, isso está ficando feio... - murmurou, observando a lividez do pé e o lustro gangrenoso que se espalhava.

Na atadura, desbordava a carne qual abominável morcilha. As dores faiscantes se sucediam num contínuo lampear e já alcançavam a virilha. Aumentava também a atroz secura da garganta, que a respiração tornava ardidada. Quando quis se levantar, um vômito fulminante o manteve por meio minuto com a testa apoiada na roda de madeira.

Mas o homem não queria morrer. Desceu até a margem do rio e embarcou na sua canoa. Sentou-se à popa e começou a remar para o centro do Paraná. Nesse trecho, perto do Iguazú, o rio corria a seis milhas e haveria de levá-lo em cinco horas a Tacurú-Pucú.

Com sombria determinação pôde chegar ao meio do rio, mas ali suas mãos dormentes abandonaram o remo no fundo da canoa. Outra golfada de

gundo dados do Reading is Fundamental (entidade de alfabetização dos Estados Unidos), talvez 21 milhões de norte-americanos sejam analfabetos. Estatísticas da entidade mostram que 90% dos alunos do primário preferem televisão e 30% das famílias com renda superior a US\$ 40 mil não têm livros em casa".

VIDEOCULTURA - Nos cinquenta anos do advento da televisão (nos Estados Unidos; no Brasil, cerca de quarenta) muito se tem discutido sobre os efeitos - benéficos e maléficos - da nova modalidade de transmissão de idéias e de fatos. Neste meio século, verifica-se também que grandes foram as transformações provocadas pela telinha.

"O Impacto da Videocultura" (este neologismo é perfeito, válido, para o que estamos examinando) é o título do artigo de Rushworth M. Kidder, colunista do jornal "The Christian Science Monitor", transcrito na revista "Diálogo" (nº 3 - volume 19, 1986 - publicação em português da United States Information Agency, Washington, USA), é um ótimo trabalho sobre a questão. Nele o autor refere-se às reflexões do ensaísta E. B. White depois de ver, pela primeira vez, em 1938, "uma imagem trêmula numa pequena tela de televisão". White então escreveu na revista "Harper's Magazine" (citado por Kidder): "Acredito que a televisão será o teste do mundo moderno, e que nesta nova oportunidade de vermos além do alcance de nossa visão descobriremos uma nova e insuportável perturbação da paz geral ou um brilho redentor no céu. A televisão nos manterá de pé ou nos derrubará"...

Kidder ressalta que, passado meio século da popularização da TV nos Estados Unidos da América, continua o dilema de White: para uns ela é, de fato, "um brilho redentor no céu"; para outros "é uma insuportável perturbação da paz geral" e acrescenta que a perturbação "dilacera a estrutura do lar, da escola, da igreja, do processo político e de tudo aquilo que ela atinge" - a literatura inclusive, acrescentamos, a arte de escrever de modo geral, a ficar cada vez mais com menos leitores.



"A televisão está presente até no mais recôndito cafunô do mundo onde chegue a rede elétrica, ou mesmo uma simples bateria"

"Em vários pontos - continuemos a citar Kidder - , porém, os dois lados concordam: é um meio de impacto sem precedente, facilmente capaz de alcançar centenas de milhões de pessoas com a mesma mensagem no mesmo exato momento". Façanha impossível para o livro, lembramos.

Dentro deste quadro de enorme capacidade de difusão, criando a **videocultura**, Kidder vai enumerando, digamos, os benefícios e os maléficos deste impacto visual (os primeiros maiores que as nocividades, achamos). A TV é nociva quando "nos Estados Unidos - escreve ele - continua a ser, antes de mais nada, um fenômeno comercial, guiado sobretudo por critérios financeiros, e não estéticos ou sociais". Aqui no Brasil vai além disto e serve de meio para embusteiros, como o tal bispo Edir Macedo, explorar (e ficar rico!) a credulidade da massa analfabeta, ou para a TV Globo ajudar a

eleger o aldravão e aventureiro político Fernando Collor de Melo.

As transmissões de TV, segundo Kidder, prejudicam quando promovem, nas crianças - as principais clientes dessas audições - "a fixação da violência e da sensualidade, o impacto sobre os índices de leitura e a capacidade de raciocínio, a redução dos períodos de concentração"...

Depois cita um defensor da televisão como meio de difusão da cultura, o sociólogo inglês Brian Winston, quando este afirma que "por sua própria natureza, a televisão não é um veículo de elite, como os livros, mas um meio de comunicação popular cujas raízes históricas remontam à imprensa folhetinesca, à baraca de feira (aí entram os autos medievais, observação nossa) e ao teatro de variedades". Kidder cita ainda o comunicólogo George Gerbner, da Universidade da Pensilvânia, para quem "a

televisão é um importante fator de alargamento dos horizontes culturais". Aí está o centro da questão: por sua extrema popularidade causada pela fácil percepção do espectador, elimina a cada dia os leitores de Francisco Carvalho e de Ariano Suassuna.

Num artigo, "Biblioteca, livro, cultura" (Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais, 25/1/92 - por sinal este suplemento foi extinto, restringindo ainda mais a faixa de leitores), o professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia de Divinópolis, Adércio Simões Franco, afirma: "Hoje, perdeu-se o prazer pela leitura e quem lê costuma ser tachado de esnobe... Livro, no Brasil, infelizmente, é ainda artigo caro e não acessível a todos". Depois de enumerar alguns inimigos do livro, aponta a televisão como um deles, o maior, assevera: "O terceiro grande inimigo é a televisão, melhor dizendo, a política cultural da TV - um deserviço (sic) a serviço de uma grande multidão que se posta, religiosamente, para ver jornais, esporte, novelas e entretenimentos... Da geléia geral pouco se salva. A alienação gera a incapacidade de refletir e, o que é pior, a pes-

multimídia (termo pretensioso tomado do latim pelos americanos do norte, ao qual hoje não podemos fugir e está se incorporando a todas as línguas, ou quase todas as línguas de cultura, com os computadores e seus programas), tirar as pessoas da frente das telas transmissoras de imagens e levá-las para um gabinete de leitura para pôr-se diante de um livro em vez de ver e ouvir uma lição de geografia ou um filme baseado em algum romance célebre, então é preciso a aproximação do intelectual, do escritor de qualquer gênero literário - novela, poesia, ensaio - com os meios eletrônicos de difusão da cultura, numa nova forma de civilização que estamos qualificando de ágrafa. Já temos notícias de escritores a passar suas obras para os tais CD-ROMs.

CONTROVÉRSIAS - Desenvolvida a arte cinematográfica e a televisão, à qual a primeira incorporou-se, abriu-se uma contenda entre o livro - a arte da escrita - e os chamados meios de comunicação eletrônicos. O grande público, preferindo a imagem e o som - pelas razões que vimos mostrando - ao livro, à palavra escrita.

No início desta década, quando começávamos a cogitar sobre a questão da imagem e do som e a escrita, recebemos do poeta Francisco Carvalho, uma das grandes vozes da poesia no Brasil (prêmio da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira), uma carta sua em que o escritor reclamava da indiferença do público para com a poesia e dizia estar pensando em abandonar a arte de escrever por não encontrar leitores e sua arte atingir somente "uma pequena elite que, de tão pequena, logo mais deixará de existir. O poeta hoje em dia é algo tão exótico, tão assustador, tão improvável como a ossatura dum dinossauro". Ariano Suassuna, teatrólogo e romancista, autor do "Romance d'A Pedra do Reino", um dos maiores romances do Brasil nos últimos vinte anos, também reclamava, em entrevista a jornais do Recife, de negligência do povo para com os livros de modo geral e proclamava sua demissão da literatura. Moreira Campos, o grande contista do Ceará, nome nacional na arte de contar histórias, muito se lamentava, nos seus últimos anos de vida (morreu em



Houaiss: "Nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro"

94, aos oitenta anos), da falta de leitores quando instado a falar aos jornais sobre a situação dos escritores e da literatura no Brasil, de modo geral, e no Ceará, particularmente.

Ao Francisco Carvalho respondi estar pensando que a nossa sociedade estava se transformando profundamente, trocando as letras, os textos dos livros, pela imagem e som das telas de televisão. Lembrei-me que um certo dia, lá mesmo na Fortaleza onde reside, numa movimentada rua de comércio, o sol se pondo, vi grande movimentação de gente numa loja que me pareceu pequena para tanto público, meninos e meninas, velhos e moços de ambos os sexos, entrando e saindo constantemente da lojinha. Curiosidade acesa pelo fenômeno, fui ver o que tanto lá se vendia: eram fitas de vídeo. Homens e mulheres de todas as idades, naquele fim de tarde, iam lá comprar ou alugar o filme a ser visto depois do jantar. Tal como anteriormente nossos pais, e nós mesmos, fazíamos entrando na livraria da Praça do Ferreira, para ver as novidades e ad-

quirir um livro para a leitura da noite ou do fim de semana. Constatei o mesmo na área comercial de uma superquadra de Brasília. Depois averigüei que as locadoras de vídeos se multiplicavam e que hoje não há mais setor comercial ou bairro de qualquer cidade sem uma lojinha destas e que em algumas delas há fregueses que pagam mensalmente o aluguel ou compra de filmes apanhados quase diariamente, como se fazia outrora na aquisição de jornais, revistas e livros. Com a TV a cabo e com os computadores ligados a redes, as pessoas já estão substituindo os tais cassetes pelas centenas de filmes que podem ver em seus aparelhos.

Em 1992 a revista "Veja" divulgou estatísticas segundo as quais foram vendidos no Brasil nada menos que dois milhões e duzentos mil videocassetes. Enquanto isto, segundo entrevista de Silviano Santiago ao "Jornal do Brasil" (31/10/92), na sociedade brasileira, então com 120 milhões de pessoas, o número de livros vendidos andava "pela casa dos 100 mil". Não é porém só no Brasil que ocorre o desprezo pelo livro e o amor às imagens da TV. Senão, vejamos: Pat H. Broeske, do N.Y. Times, num trabalho transcrito pelo "Jornal da Tarde", São Paulo, de 8/7/92, informa que "se-

vômito - aguara de sangue - e ele dirigiu o olhar ao sol que se escondia atrás do mato.

A perna inteira, até parte da coxa, transformara-se num bloco disforme, duro, que esgarçava a roupa. O homem pegou a faca, cortou a atadura e também a calça: o ventre saltou, tumefacto, com grandes manchas azuladas e terrivelmente doloroso. Ele admitiu que jamais chegaria a Tacurú-Pucú e resolveu pedir ajuda ao seu compadre Alves, embora desde muito estivessem de relações estremecidas.

A corrente do rio se precipitava para a margem brasileira e o homem, facilmente, pôde alcançá-la. Arrastou-se barranca acima, mas, vinte metros adiante, deteve-se, exausto, e ali ficou, estirado de bruços.

- Alves - gritou, com a energia que lhe restava.

Aprestou o ouvido em vão.

- Compadre Alves! Não me negue esse favor! - chamou de novo, erguendo a cabeça do chão.

No silêncio da selva não se ouviu nenhum som. O homem ainda encontrou forças para voltar à sua canoa, e a corrente, recolhendo-a, levou-a velozmente à deriva.

O Paraná, nessa região, corre no fundo de uma imensa vala, cujas paredes, altas de cem metros, encaixotam funebremente o rio. Já nas margens, guarnecidas de negros blocos de basalto, levanta-se o matagal, negro também. À frente, ao lado, atrás, a eterna muralha lúgubre, e lá embaixo o rio remoinhoso arremetendo em borbotões de água barrenta. A paisagem é feroz e nela pontifica um silêncio de morte. Ao

entardecer, contudo, sua beleza calma, sombria, adquire uma incomparável majestade.

Declinara o sol quando o homem, meio deitado no fundo da canoa, teve um violento calafrio. E de repente, com assombro, ergueu devagar a cabeça: sentia-se melhor. Doía menos a perna, a sede era menor, e seu peito, como liberto, abria-se para uma lenta inspiração.

O veneno começava a ir embora, não havia dúvida. Sentia-se quase bem, e embora não conseguisse nem mover a mão, contava com o orvalho para restabelecer-se. Calculou que antes de três horas estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar aumentava e com ele uma sonolência cheia de lembranças. Não sentia nada na perna ou no ventre. Viveria ainda seu compadre Gaona em Tacurú-Pucú? Talvez pudesse se encontrar com seu ex-patrão, Mister Dougald, e também com o conferente das madeiras.

Chegaria logo?

O céu, ao sol-posto, era uma tela dourada, e o rio também se enchia de cores. Da costa paraguaia, escurecida, o mato derramava no rio seu frescor crepuscular, com penetrantes exalações de flores e de mel silvestre. Um casal de araras cruzou muito alto e em silêncio, na direção do Paraguai.

Lá embaixo, no rio de ouro, a canoa derivava velozmente, de quando em quando girando sobre si mesma nos cachões de um redemoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor e ia calculando quanto tempo se passara desde a última vez que vira seu ex-patrão Dougald. Três anos? Não, nem tanto. Dois anos e nove meses? Quem sabe oito meses e meio? Isso sim, seguramente.

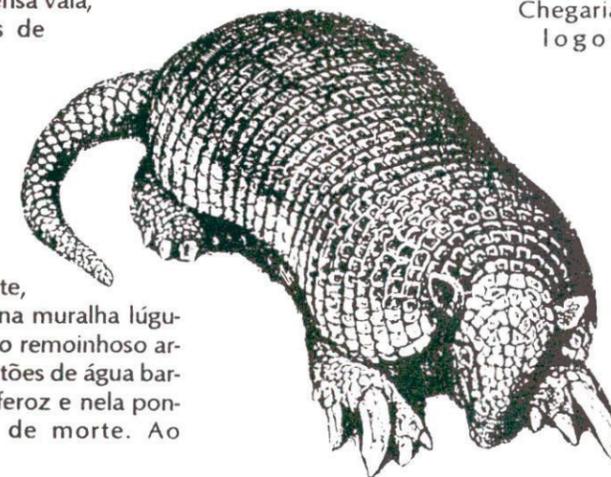
E percebeu, de repente, que estava gelado até o peito. O que seria? E sua respiração...

Conhecera o conferente de madeiras de Mister Dougald, Lorenzo Cubilla, em Puerto Esperanza, numa sexta-feira santa... Sexta? Sim... ou seria numa quinta?

O homem esticou lentamente os dedos da mão.

- Uma quinta...

E parou de respirar.



Miami seduz Manzóllilo

Carioca, escritor, jornalista, político... Ainda tem muito mais adjetivos para qualificar Luiz Manzóllilo. Mas para os amigos e admiradores que deixou em Brasília, nos mais de 20 anos em que morou no Distrito Federal, basta apenas a referência do nome. Manzóllilo desenvolveu na capital federal uma febril produção literária. Como escritor, recebeu em 1991, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Afonso Arinos, conferido a A Barca de Ceres.

Manzóllilo pertence a três academias - Academia de Letras do Brasil, Academia Barbacense de Letras e Academia Taguatinguense de Letras -, à ANE (Associação Nacional de Escritores) e ao Sindicato de Escritores do DF. Dentre as 20 obras publicadas pelo autor, destacam-se: A Hora do Poder, A Chinês

"O povo que não lê está sempre à beira da alienação".

DF Letras - O que o levou a Miami?

LM - O desejo de desbravar horizontes culturais inéditos. O de escrever e editar nos Estados Unidos novos trabalhos. Dois dos inéditos já foram escritos em Miami. Outra motivação expulsora: o de fugir da incultura brasileira, podadora dos nossos valores. Mas, quem sabe, no interior, o velho desejo de aventura?

DF Letras - Mas Brasília é fraca de cultura?

LM - Nem o Brasil o é, nós temos muita cultura. Faltava transformá-la num produto. Para isso é preciso um mercado. Mas só o temos quando formos um povo educado para ler. Povo que não lê está sempre à beira da alienação e da submissão.

DF Letras - O senhor já foi político. O Brasil do Plano Real melhorou?

LM - Em certos aspectos, sim. Mas uma nação não se faz só com números, finanças. Uma nação se faz com homens e livros.

Mas sem estes não se fazem aqueles. O Brasil melhorou, mas limitadamente. Daqui de fora a impressão que se tem é que o Brasil é um rico perdulário. Nós não temos um projeto nacional, não sabemos o que queremos ser, aonde ir. Cada governo põe uma meia-sola e toca como pode. O último projeto

Dagger e Pão de Barro, romances; Infinita Espiral, poesia; Futebol: Revolução ou Caos, ensaio; O Brasil Socialista - Como Será?, ensaio; Conexão Ômega e O Viajante, novelas-folhetim; e A Barca de Ceres, contos e novela. Entre as obras inéditas destacamos: The Eagle and the Tocoloro e Horizonte do Sonho - Oricabana, romances; The Angel and I - Pillars of the Spirit - Pathways to Prosperity, novela, auto-ajuda; e Oh! Shirley..., comédia teatral.

Seduzido pela *latinidad* da ensolarada Miami, nos Estados Unidos, Luiz Manzóllilo, após a merecida aposentadoria pelo Banco Central, se mudou de vez para lá. Segundo ele, "para fugir da incultura brasileira". Mas Manzóllilo não esquece a nossa "terrinha" e de Miami nos manda a entrevista abaixo.

nacional foi o único, o de Tiradentes. Os Inconfidentes sabiam o que queriam. Getúlio e JK tentaram retomar o mártir e, de certo modo, mártires também foram.

DF Letras - Fale de suas obras recentes. Começamos com Pão de Barro? Quais as características principais do romance?

LM - Trata-se de uma história industrial nutrida em fatos reais, sugestão de Oscar Alvarenga. Na Ipatinga da inauguração da Usiminas, dois amigos fundam uma padaria e vivem o drama da semiparalisação da planta sob o regime militar de 64. A tônica é o realismo psicológico, mas também serve como crônica da luta esquerda-direita e das próprias contradições brasileiras. É também uma saga de amor e ódio, altruísmo e ambição.

DF Letras - E quanto ao premiado A Barca de Ceres? O prefaciador João Carlos Taveira diz que a sua Barca da Utopia é uma Arca de Noé rediviva, ali se misturando "o fascínio dos ingredientes de uma aventura de argonautas e da busca de um jardim de éden reconquistado". O que pode dizer disso?

LM - É uma coletânea de 15 contos e a novela-título de ficção científica ambientalista. Como diz o editor na contracapa, Uma Saga do Ano 3000, provável que a "motivadora da premiação pela ABL" por sua originalidade. Esta e vários dos contos - como A Voz, As Aventuras do Hiperman no Brasil e A Volta dos Marcianos - são total ou parcialmente ambientados em Brasília. Quanto ao Taveira e seus elogios à obra, o que dizer? Pois não é a generosidade a marca dos grandes poetas?

ter vindo "em pessoa saber de vós mesmos, e não por outros mensageiros", o que estava afligindo aquele povo. Temos aí a imagem fortemente realçada, vista pelo próprio rei, e não sua projeção por meio de palavras escritas ou mesmo faladas de seus funcionários.

Por intermédio de cenas nos anfiteatros, quer na tragédia, quer na comédia, os autores gregos e romanos levavam ao povo analfabeto suas idéias políticas e sociais. Mário da Gama Kury, numa introdução para tradução sua de "Eletra", de Sófocles, informa que o "teatro de Dionísios, onde foi representada pela primeira vez "Eletra" (entre 420 e 413 a.C.) tinha capacidade para trinta mil espectadores sentados"... Por sua vez, J. B. Melo e Souza, prefaciando o livro "Teatro Grego" (Clássicos Jackson, W.M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro, 1950), de sua tradução, escreve: "Incontestavelmente, os impulsos patrióticos e alentos morais que encorajaram os estados gregos na luta desigual contra o império dos Aquemênidas foram hauridos, em grande parte, nas imponentes odes em que deuses, heróis e conjuntos corais faziam a apologia da liberdade e da dignidade humanas e lançavam apóstrofes de justa indignação contra a injustiça, o vício e a tirania. Ésquilo teria sido, assim, um dos grandes fatores da vitória final, expondo ao povo, na sua tragédia "Os Persas", o terror da multidão inimiga diante do palácio real de Susa, quando os emissários trouxeram a notícia de derrota da Salamina".

Os livros, feitos em rolos de pergaminho, tinham utilização limitada, lidos só pelos grandes senhores, por sacerdotes e funcionários do Estado, nas grandes bibliotecas ou nas mansões senhoriais de Atenas, Roma ou Alexandria. (Vide "História da Vida Privada - do Império Romano ao Ano Mil", Pierre Ariés, Georges Duby, Paul Veyne e outros, Companhia das Letras, 1990). Enquanto o teatro, no meio da praça, estava ao alcance de todos, das grandes massas. "Também os cavaleiros não gostam mais de ouvir, preferem os espetáculos de vista"... observou Horácio na sua Epístola I, dirigida a César Augusto.

Antônio Vieira, o gênio português - e do Brasil - da Igreja Católica do século XVII, percebera a força da imagem e isto revela no seu muito célebre e lúcido "Sermão da Sexagésima", em 1655. Vieira mostra a diferença entre a palavra escrita ou falada e a imagem, o visual, como se costuma dizer hoje, o objeto que se quer ressaltar, mostrado, visto, para um melhor entendimento. Lembrava ele que o pregador, do alto do púlpito, descrevera o sofrimento do Cristo diante do pretório de Pilatos. Mas ninguém se comovera ou se abalara com as palavras. Abalaram-se os fiéis quando se disse "Ecce-Homo" e se mostrou a imagem de Cristo em situação miserável: manietado, preso a uma coluna, flagelado e coroado de espinhos. Acentua então Vieira: "Porque então era Ecce-Homo ouvido, e agora é Ecce-Homo visto; a relação do pregador entrava pelos ouvidos, a representação daquela figura entra pelos olhos. Sabem, padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, só aos ouvidos". Vieira dá então o exemplo do Batista que, pregando, convertia os povos,

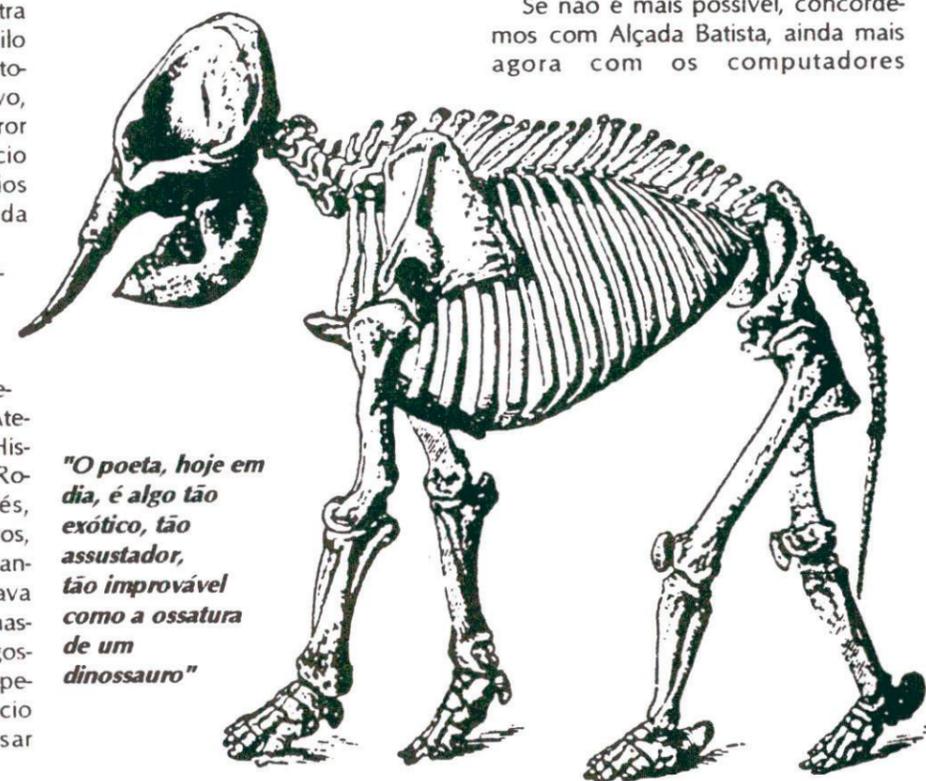
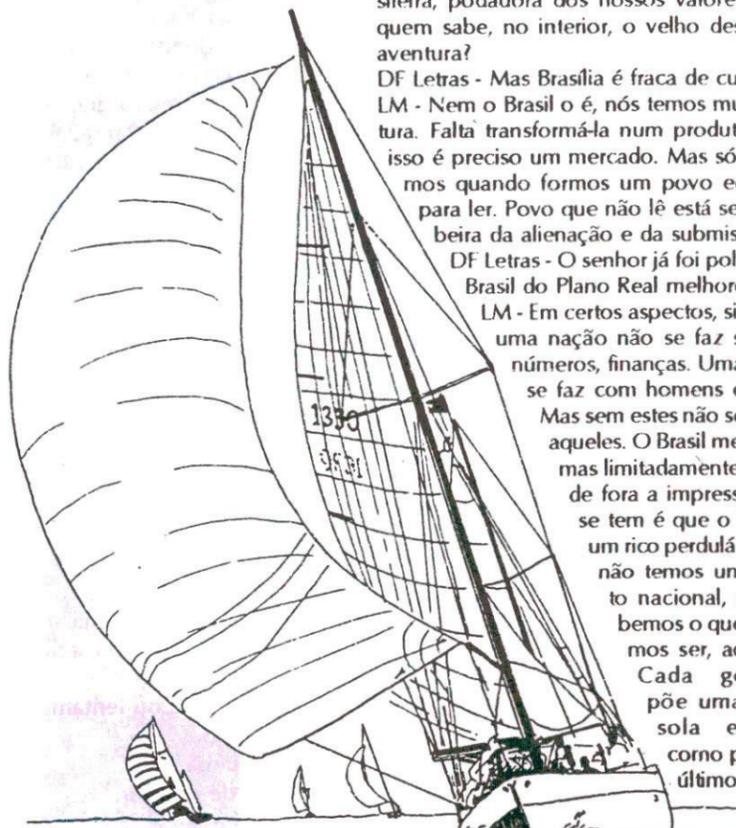
concitando-os ao jejum e condenando o pecado da gula e - Ecce-Homo - mostrava seu corpo de asceta, de quem se nutria de gafanhotos e mel silvestre, no deserto.

Ressaltamos ainda com Ernest Robert Curtius: "Custa entender as poesias de Píndaro, o mesmo porém não se dá com os frisos do Partenão... Fácil é a ciência das imagens, quando comparadas à dos livros" - in "Literatura Européia e Idade Média Latina", tradução do alemão por Teodoro Cabral (Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1979).

"Estou certo - nos diz Antônio Alçada Batista no seu belo livro "Peregrinação Interior" - ou quadros da vida cotidiana numa sociedade em vias de desenvolvimento" (Difel, São Paulo, 1984) - de que a ciência me deu coisas de que já não posso prescindir e que não é possível fazer o mundo viver sem penicilina e televisão... e que, mesmo que o quisesse fazer, não encontraria ninguém que o fizesse comigo". Hoje, dez anos depois, pode-se acrescentar que a sociedade já desenvolveu-se bastante até chegar ao computador com visor com tela colorida avançado para a sociedade ágrafa que tentamos aqui mostrar.

Se não é mais possível, concordemos com Alçada Batista, ainda mais agora com os computadores

O desejo de desbravar horizontes culturais inéditos. O de escrever e editar nos Estados Unidos novos trabalhos. Dois dos inéditos já foram escritos em Miami. Outra motivação expulsora: o de fugir da incultura brasileira, podadora dos nossos valores. Mas, quem sabe, no interior, o velho desejo de aventura?

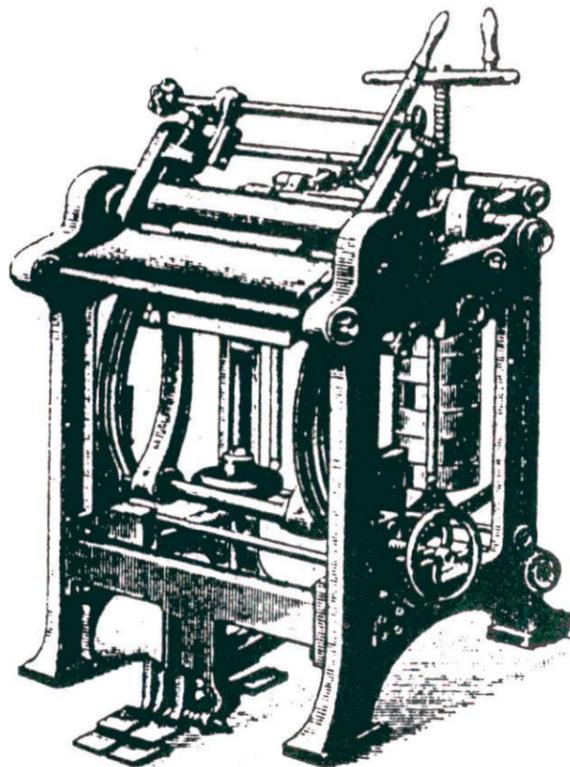


"O poeta, hoje em dia, é algo tão exótico, tão assustador, tão improvável como a ossatura de um dinossauro"

parte de suas atividades, nas salas de aula das escolas de qualquer grau, dos escritores, nas repartições públicas e até no chamado recesso do lar.

Nesses computadores e seus programas variados, chamados multimídias, pode-se percorrer as galerias do Museu do Louvre ou consultar a Enciclopédia Britânica. As editoras, é o que se lê todos os dias nos noticiários de jornais e revistas, estão passando para a produção dos tais CD-ROMs, pondo em plano secundário o que conhecemos como livro desde a invenção de Gutenberg, cerca de 400 anos atrás. Nossas crianças facilmente conseguem aprender a manejar esses novos instrumentos de cultura e aprendizado. Com o frescor de suas memórias infantis, rapidamente decoram os novos códigos de leitura na telinha dos monitores dos computadores pessoais - os afamados PCs - que, na última década, invadiram os locais de trabalho, de estudo e aprendizado e, finalmente, o quarto de estudo das residências. Os jovens integram-se celeremente aos modos novos de ler e de aprender, o que identificamos como uma nova era ou onda civilizatória, a da pura imagem. Os tais PCs lhes dão, a um simples apertar de botão, imagens coloridas de cidades, países e etnias, em lições de geografia, por exemplo.

O ALFABETO - O homem, ao inventar o alfabeto para registrar e transmitir a outrem os seus conhecimentos ou suas emoções através de textos escritos, criou um código só acessível a uns poucos ou decifrável só por alguns iniciados. Para ler o texto grafado numa estela fenícia, num papiro, num pergaminho grego ou romano e ainda num palimpsesto medieval ou num moderno livro feito de arte tipográfica de compor e imprimir livros inventada por Gutenberg, o indivíduo necessita conhecer o valor de cada símbolo e mais o significado de cada palavra por eles formada e, finalmente, o sentido das frases geradas por agrupamentos de "nomes e verbos", como ensinou Platão, no seu livro "Sofista".



"As editoras estão passando para a produção de CD-ROMs, pondo em plano secundário o que conhecemos como livro desde a invenção de Gutenberg"

Para ler um romance, digamos, de Jorge Amado, sempre de linguagem simples e acessível, sem grandes preocupações de envolver personagens em brumas de trama psicológica, o leitor precisaria, primeiro: conhecer o alfabeto, os signos fundamentais da linguagem escrita; segundo: conseguir entender o valor ou significado das sílabas, das palavras e das frases, o que só conseguiria com uma certa prática de aprendizado de leitura, entre os seis e onze anos de idade, conforme seu desenvolvimento e capacidade intelectual; terceiro: para completar o círculo, precisaria ao fim da leitura de "São Jorge dos Ilhéus", por exemplo, poder entender o que o autor quis dizer com a obra.

Somente com alguma experiência de vida, um bom número de livros lidos, e não somente de ficção, mas também de história - contemporânea brasileira, no caso - geografia, aqui também do Brasil e, quiçá, de sociologia e mais um naco que fosse de filosofia, para perceber a denúncia social e política de Jorge Amado.

CINEMA e TV - Já o nosso jovem diante de uma tela de cinema ou de moderna televisão, não teria muita ou quase nenhuma dificuldade para perceber o conteúdo do filme baseado no romance de Amado. Inicialmente ele precisaria somente ser suficientemente inteligente, embora completamente analfabeto. Diante de si, antes de tudo, teria a imagem "nítida e luminosa", como a inventou Lumière: na tela estariam homens e mulheres, feios, bonitos, magros ou gordos, elegantemente vestidos ou esculhambados, miseráveis, de caras fechadas ou sorridentes, agindo, andando, em conflito ou simplesmente em repouso. O que o escritor, mesmo com vocabulário simples e termos correntes na linguagem popular, para transmitir ao leitor a mais singela idéia de uma prostituta bonita, alegre e sensual, teve que fazer foi reunir um expressivo e considerável número de nomes e verbos ordenados de modo artístico, enquanto o cineasta obteve o mesmo efeito, até com mais expressividade, com uma simples tomada em plano americano e depois em grande plano. A imagem de mulher foi dada simplesmente pela visão, sem esforço intelectual nenhum e ainda veio enriquecida com o som, o cineasta lhe metendo pelos ouvidos a fala ou o canto da mulher. Cinema, recordamos, é do grego kinema - aí os gregos novamente significando movimento.

TEATRO - Esta questão - da imagem e do som - podemos dizer, sem exagero, começou com os gregos - sempre os gregos. Mais propriamente com o teatro grego do qual se seguiu o teatro romano e depois seus descendentes, os autos medievais, principalmente na Península Ibérica nas festas de Corpus Christi e na Commedia dell'Arte, da Itália, com influência para o teatro cômico do resto da Europa. A Igreja Católica muito usou os autos para ensinar ao povo analfabeto sua doutrina.

No "Édipo Rei", de Sófocles, vemos na primeira cena o rei dizendo "aos filhos de vetusta estirpe de Cádimo"

TEATRO - Esta questão - da imagem e do som - podemos dizer, sem exagero, começou com os gregos - sempre os gregos. Mais propriamente com o teatro grego do qual se seguiu o teatro romano e depois seus descendentes, os autos medievais, principalmente na Península Ibérica nas festas de Corpus Christi e na Commedia dell'Arte, da Itália, com influência para o teatro cômico do resto da Europa. A Igreja Católica muito usou os autos para ensinar ao povo analfabeto sua doutrina.



O centenário da Academia Brasileira de Letras

Sempre às 5 horas da tarde Bilac Pinto e outros grandes escritores de sua época reuniam-se para conversar sobre literatura. Daí surgiu a idéia de criar-se uma Academia de Letras. A proposta foi feita inicialmente pelo escritor Lúcio Mendonça e logo assumida por todos.

□ Adirson Vasconcelos

"Nestes seus bem vividos cem anos de existência, a nossa Academia Brasileira de Letras tem-se constituído um referencial de preservação da língua portuguesa e de proteção à literatura nacional. Seu nascimento teve uma longa gestação. Meio século, precisamente. Um ideal que se tornou realidade em 1897."

O centenário da fundação da Academia Brasileira de Letras, que este ano se comemora, é uma oportunidade singular para pregarmos uma maior proteção à língua pátria e um maior incentivo ao estudo e à leitura, tendo a escola e a biblioteca como templos maiores do aprendizado e do aperfeiçoamento.

Nestes seus bem vividos cem anos de existência, a nossa Academia Brasileira de Letras tem-se constituído um referencial de preservação da língua portuguesa e de proteção à literatura nacional.

Seu nascimento teve uma longa gestação. Meio século, precisamente.

A primeira tentativa de uma sociedade que se ocupasse especialmente das "belas-letas" ocorreu em 1849. Uma iniciativa de 12 sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, numa sessão do sodalício. E já com o título para a novel sociedade: Instituto Literário ou Academia de Letras Brasileiras.

A idéia, porém, não se consolidou. Mas, os sonhos e os ideais daquele

momento permaneceram vivos. Sobre viveram. Mais algumas tentativas ao longo dos tempos. Todavia, não lograram êxito.

Somente no final do século, a idéia ganhou força e vigor.

José Veríssimo dirigia a Revista Brasileira e, no seu escritório, costumava reunir os intelectuais da época para conversar durante um chá, sempre às 5 horas da tarde. Presenças assíduas ou ocasionais de Olavo Bilac, Rui Barbosa, Machado de Assis, Artur Azevedo, Rodrigo Otávio, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco e alguns outros.

Neste chá das 5, a idéia de fundação da Academia renasceu por proposta de Lúcio Mendonça. E, em menos de um ano, já se constituía a primeira diretoria, sendo Machado de Assis aclamado seu primeiro presidente. E para os outros cargos, os nomes de Joaquim Nabuco (secretário-geral), Rodrigo Otávio (primeiro-secretário), Silva Ramos (segundo-secretário) e Inglês de Sousa (tesoureiro). Foram escolhidos os 40 patronos. Na elaboração dos

Estatutos, tomou-se como modelo a Academia Francesa de Letras, já existente desde 1626.

Um ideal de meio século que se tornou realidade em 1897, quando foi oficialmente criada no dia 20 de julho.

De Machado de Assis a Nélida Piñon, a Academia Brasileira de Letras tem realizado, com eficiência e zelo, os seus propósitos. Cem anos de bons serviços ao País, notadamente à língua, à educação e à cultura.

Nélida Piñon, sua atual presidente, a definiu, com muita propriedade, na sessão comemorativa do Senado Federal, de "panteão consagrado à língua, à unidade literária do gênio brasileiro, ao talento criativo do Brasil".

Nesta sua vivência secular, a Academia Brasileira de Letras acolheu em seu seletivo auditório de acadêmicos figuras expressivas da intelectualidade brasileira e que prestaram relevantes serviços às letras e à pátria. Além de seus fundadores, notável foi a atuação de Afrânio Peixoto, Austregésilo de Athayde, Coelho Neto, José Américo, Humberto de Campos, Assis Chateaubriand, Mauro Mota, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Múcio Leão, Getúlio Vargas, Viriato Correa, dom Aquino Correa, Adonias Filho, Pedro Calmon, Otávio Mangabeira, Ademar Tavares, Mário Palmério, Afonso Pena, Hermes Lima, Deolindo Couto, Abgard Renault, Rodrigo Otávio, Viana Moog, Odilo Costa, filho, Luiz Viana Filho, Aurélio Buarque, José Lins do Rego, Gustavo Barroso e tantos outros.

No ano do centenário, o quadro de imortais da Academia é formado pelas presenças de Nélida Piñon (presidente), Arnaldo Niskier (secretário-geral), Sábato Magaldi (segundo-secretário), Alberto Venâncio Filho (tesoureiro), Geraldo França de Lima (diretor da Biblioteca), Evaristo de Moraes Filho (diretor do Arquivo), João de Scantimburgo (diretor da Revista), Eduardo Portella (diretor dos Anais) e Afrânio Coutinho, Antonio Houaiss, Ariano Suassuna, Aurélio de Lyra Tavares, Barbosa Lima Sobrinho,



O escritor Machado de Assis foi aclamado o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, quando foi oficialmente criada em 20 de julho

Bernardo Élis, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Chagas Filho, Carlos Nejar, Dias Gomes, Herberto Sales, Ivo Pitanguy, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Sarney, Josué Montello, Lêdo Ivo, dom Lucas Moreira Neves, Lygia Fagundes Telles, Marcos Almir Madeira, Marcos Vinícius Vilaça, Miguel Reale, Oscar Dias Corrêa, Tarcísio Padilha (eleito e ainda não empossado), Rachel de Queiroz, Roberto Marinho, Sérgio Corrêa da Costa e Sérgio Paulo Rouanet.

A par do seu empenho em defesa da língua pátria, a ABL tem motivado a produção cultural através de concursos e prêmios literários, incentivando o romance, o ensaio, o conto, o teatro, a erudição, a poesia, etc. E promoveu obras de vulto como a Coleção Afrânio Peixoto, o Dicionário da Língua Portuguesa, o Vocabulário Ortográfico, a Revista da Academia, os Anais, etc.

Seu prêmio de maior projeção é o Machado de Assis. Tem, também, o Prêmio Assis Chateaubriand. Seu endereço no Rio de Janeiro é à Avenida Presidente Wilson nº 203 - Castelo.

O Senado Federal, ao comemorar recentemente o centenário da Academia, disse, pela voz do seu presidente Antonio Carlos Magalhães, que "nenhum País pode ser forte, mesmo economicamente, se não tiver uma base cultural, maior que seja a sua economia". E justificou a sessão de homenagem "para exaltar a glória da Academia Brasileira de Letras nos seus cem anos e, sobretudo, para glorificar os seus acadêmicos, que tantos serviços prestam às letras e à cultura no Brasil".

Em verdade, a Academia Brasileira de Letras é um patrimônio da história e da vida da Nação. Ao evocá-la e exaltá-la, vale recordar Machado de Assis, em *Crisálidas*: "Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola".

O centenário da Academia Brasileira de Letras é, enfim, um momento maior para uma reflexão nacional sobre os ideais cívicos dentro de uma visão estadística, objetivando os tempos futuros e o nosso próprio destino.

Só dois instrumentos podem nos levar à grandeza e à plena soberania como povo e como Nação: a Escola e a Biblioteca. Uma, é o sol. Outra, é a lua. Ambas, a luz. São também veículos protetores, preservadores e mantenedores da língua, que vive hoje o vilipêndio e a invasão de expressões idiomáticas estrangeiras, como nunca ocorreu.

Nestes dois templos do saber - na Escola e na Biblioteca - o estudo curricular, o incentivo à leitura e o culto aos nossos valores referenciais são objetivos que levarão, sem dúvida, o nosso povo, notadamente a nossa juventude, ao aprimoramento intelectual e social. E, se este aprimoramento alcançar os estágios da educação moral e espiritual, aí, sim, atingiremos degraus maiores na evolução do pensamento e na formação de uma nova civilização.

A Videocultura e o Mandarinato

□ José Helder de Souza

"O homem, ao inventar o alfabeto para registrar e transmitir a outrem os seus conhecimentos ou suas emoções através de textos escritos, criou um código só acessível a uns poucos ou decifrável só por alguns iniciados."

Chegando ao limiar de um novo século, o vigésimo primeiro da civilização ocidental - fundamentalmente greco-romana - , nos parece estarmos entrando numa nova civilização; pensamos estar deixando o signo das letras, inaugurado no século X a. C. pelos fenícios, segundo Arnold Toynbee em "Um Estudo da História", para ingressarmos no signo da imagem, pelas mãos dos franceses Louis e Auguste Lumière que há um século, em 1895, fizeram a primeira demonstração pública de sua invenção, o "cinematógrafo", máquina capaz de projetar numa tela imagens fotográficas em movimento ("História del Cine", de Pierre Leprohon, tradução espanhola de José Luis López Muñoz, Ediciones Rialp, Madri). Em 1927 o cinema foi enriquecido, no histórico dia 6 de outubro, quando a Warner Bros apresentou "O Cantor de Jazz", o primeiro filme sonoro do mundo filmado por Alan Crosland e interpretado por Al Johnson (Leprohon, obra citada). Invenções ainda mais enriquecidas agora com o desenvolvimento da televisão e, mais recentemente, dos computadores, pondo a cibernética a serviço de grande massa humana, alfabetizada ou não. Nas telas dos computadores temos agora não só imagem e som. A estas foram feitas associações (os chamados CD-ROM) de centenas e centenas de informações outras, contendo todos os símbolos até então criados por nossa civilização, não somente em literatura como em todas as artes, bastando ao cidadão apertar alguns botões da engenhoca cibernética (os gregos estão aqui nos dando a definição deste termo: a ciência de governar os homens e as máquinas - cybernetes: piloto, diretor) para tê-los em qualquer

